

# boletim paradigma



vol 15  
ago 2020

ISSN 2176-3445

**Diálogos: Disseminação da ciência para além da comunidade analítico-comportamental**

**A vacina comportamental**

**Direitos humanos, estresse de minorias e ciência comportamental: proposta de um grupo de trabalho**

**Raul Manzione entrevista Giovambattista "Nanni" Presti: Análise do Comportamento e ciência comportamental contextual em tempos de pandemia**

**Orientações Técnicas do Grupo de Trabalho (GT) SBP COVID-19**

**Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto**

**Superorganismos**



Ilustração da capa: Silvia Amstalden

A Associação Paradigma, instituição sucessora do Núcleo Paradigma, é um centro de pesquisa, ensino e assistência, localizado na cidade de São Paulo, no bairro de Perdizes. Fundada em 2005, tem como objetivo a busca de soluções para problemas relacionados ao comportamento humano, oferecendo os seguintes serviços e atividades:

Formação em nível de pós-graduação lato e stricto sensu, aprimoramento e extensão, atualização e capacitação profissional.

Clínica-escola composta por terapeutas e acompanhantes terapêuticos que trabalham sob a perspectiva analítico-comportamental no atendimento de crianças, adolescentes, adultos, casais, famílias, pessoas com desenvolvimento atípico e transtornos psiquiátricos.

Eventos culturais que promovem o diálogo da psicologia com diferentes áreas do conhecimento e da arte.

# boletim paradigma

Uma publicação da Associação Paradigma  
– Centro de Ciências e Tecnologia  
do Comportamento  
São Paulo, vol. 15, agosto de 2020.

## Coordenação Editorial

Roberta Kovac

## Assistentes Editoriais

Ila Marques Porto Linares

## Revisão

Flávia Yacubian

## Comissão Executiva

Roberta Kovac

Joana Singer Vermes

Denis Zamignani

Roberto Alves Banaco

Candido Pessôa

Marina Dantas

Cássia Leal da Hora

## Projeto Gráfico e Diagramação

Silvia Amstalden



centro  
**paradigma**  
ciências do comportamento

**Associação Paradigma Centro  
de Ciências e Tecnologia do  
Comportamento**

Rua Wanderley, 611  
Perdizes, São Paulo-SP  
CEP: 05011-001  
TEL: 55 11 3672 0194

[www.paradigmaac.org](http://www.paradigmaac.org)  
[contato@paradigmaac.org](mailto:contato@paradigmaac.org)

Agosto 2020  
Edição eletrônica  
ISSN 2176-3445

# Sumário

## Editorial 2

### Teoria e Aplicação 6

Diálogos: Disseminação da ciência para além da comunidade analítico-comportamental  
Ana Beatriz Chamati, Giovana Munhoz da Rocha

### Análise do Comportamento Aplicada à educação 11

A vacina comportamental

Thiago W. Calegari, Candido V. B. B. Pessoa

### Análise do Comportamento Aplicada a questões das minorias 17

Direitos humanos, estresse de minorias e ciência comportamental:  
proposta de um grupo de trabalho

Ananda Pantet, Denis Roberto Zamignani, Liane Jorge de Souza Dahás

### Paradigma Entrevista 26

Análise do Comportamento e ciência comportamental contextual em tempos de pandemia  
Raul Manzione entrevista Giovambattista “Nanni” Presti

### Na estante 31

Orientações Técnicas do Grupo de Trabalho (GT) SBP COVID-19

Liane Dahás

### Análise do Comportamento Aplicada a questões da infância 35

Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto

Ana Flavia Teixeira, Inajara Simões Santos, Viviane Alessandra Arakaki,  
Clarissa Moreira Pereira, Ana Beatriz Chamati

### Análise do Comportamento Aplicada à cultura 42

Superorganismos

Candido V. B. B. Pessoa

# Editorial

Queridos colegas e amigos,

Em 1969, escreveu Skinner: “Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente”. Estamos vivendo um momento muito difícil e único, que certamente nos obriga a aprender sobre mudança, flexibilidade, resiliência, alterações de trajetos e reinvenção de práticas. Precisamos atualizar uma infinidade de repertórios. Aquilo que sabemos sobre autocuidado e cuidado ao outro precisa ser revisto. Nossas formas de convívio estão sendo repaginadas. O mundo do trabalho, da educação e do entretenimento é novo, e ainda temos muito a construir.

O Paradigma está há muitos anos envolvido na disseminação da análise do comportamento aplicada à vida e na criação de condições para que as pessoas desenvolvam conhecimentos que possam tornar a sociedade mais saudável. O momento requer que esses esforços sejam redobrados. Por isso, desde que a Covid-19 foi declarada pandemia, temos trabalhado arduamente para a adaptação de nossas práticas e métodos de ensino, de modo a garantir a continuidade e a excelência na oferta de educação

e atendimentos, ao mesmo tempo que protegemos a saúde de todos os envolvidos, sempre baseados em informações científicas.

Durante esse período de crise procuramos também uma forma de contribuir com a comunidade. Oferecemos uma estrutura gratuita de acolhimento a pessoas que, devido aos seus ofícios, vêm sendo afetadas diretamente pela pandemia. É o projeto Mobilização Paradigma no enfrentamento da Covid-19, criado numa parceria entre professores, alunos e ex-alunos da instituição, que conta com a adesão de aproximadamente 95 terapeutas e 15 supervisores, todos voluntários, preparados para fornecer suporte psicológico emergencial em um momento tão delicado.

No meio de todas essas dificuldades, uma notícia que nos trouxe muita alegria: desde julho de 2020, a diretoria executiva do Paradigma passa a contar com a participação da Dra. Cássia Leal da Hora. Cássia contribui com o Paradigma já há muitos anos como coordenadora da Especialização em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e Desenvolvimento Atípico. A coordenação do curso foi eficientemente assumida pelas Dras. Claudia Coimbra e Ana

Queiroz, e Cássia traz para a diretoria seu olhar para as questões relacionadas ao trabalho com TEA e para a formação em análise do comportamento como um todo.

Outras mudanças também ocorrem no curso de Qualificação em Clínica Analítico-Comportamental. Depois de 7 anos dedicados com esmero à coordenação desse curso, Jan Leonardi passa o bastão para a nova coordenadora Liane Dahás. Liane assume o curso em meio ao desafio de adequar o curso à realidade à distância imposta pela pandemia e também assumindo um projeto antigo do Paradigma de redesenhar a proposta do curso para metodologias ativas e comprometidas com os modelos de ensino propostos pela análise do comportamento. À frente também dessa reformulação, Adriana Rossi junta-se à equipe de coordenadores, com o desafio de profissionalizar a gestão do serviço-escola do Paradigma e desenvolver uma linha de pesquisa que venha a sistematizar e coletar dados advindos desse serviço para a produção de conhecimento em análise do comportamento aplicada a questões da prática clínica.

E como o baile precisa seguir (com máscaras e distâncias regulamentares), apresentamos nosso Boletim Paradigma em sua 15ª edição. Cada texto dessa edição aborda de alguma maneira o contexto desafiador que vivemos, trazendo contribuições para o enfrentamento positivo desse período de pandemia embasadas nos procedimentos e nas estratégias da análise do comportamento.

Abrimos esta edição do Boletim Paradigma com um chamado à reflexão e ao diálogo. Na seção Teoria e Aplicação, o texto de Ana Beatriz Chamati e Giovana Munhoz da Rocha, “Diálogos: Disseminação da ciência para além da comunidade analítico-comportamental” ressalta a importância de sempre e, em especial

em tempos como estes que estamos vivendo, levarmos o conhecimento das ciências do comportamento para outras áreas do saber.

Thiago W. Calegari e Candido V. B. B. Pessoa abordam um tema de crucial atenção: no contexto da educação em casa (*homeschooling*), como as estratégias de mudança comportamental podem ajudar as famílias com crianças prosperarem durante este período de pandemia. O título do texto “A vacina comportamental” direciona nosso olhar para aquilo que podemos fazer e que a Análise do Comportamento Aplicada à Educação nos mostra como.

Outro assunto crítico abordado neste Boletim pelos autores Ananda Pantet, Denis Zamignani e Liane Dahás é a situação de estresse de minorias. Como podemos derivar ações diretivas considerando os Direitos Humanos, na perspectiva da Ciência Comportamental? Os autores apresentam uma proposta que é, antes de tudo, um compromisso assumido pelo Paradigma e um convite à comunidade de analistas do comportamento.

Na seção Paradigma Entrevista, Raul Manzione falou com Nanni Prestti, analista do comportamento italiano, sobre Análise do Comportamento e Ciência Comportamental Contextual em tempos de pandemia. Nanni nos conta como foi (como estava sendo no momento da entrevista) enfrentar a difícil realidade imposta pelo novo coronavírus e nos apresenta como a ACT (Terapia de Aceitação e Compromisso), em especial o conceito de Flexibilidade Psicológica, pode ajudar a lidar com esta realidade.

Na seção Na Estante, Liane Dahás faz uma resenha das Orientações Técnicas do Grupo de Trabalho (GT) SBP Covid-19, um material de referência para a atuação de psicólogos no contexto atual.

Na seção Análise do Comportamento Aplicada a Questões da Infância, as autoras Ana Flavia Teixeira, Inajara Simões Santos, Viviane Alessandra Arakaki, Clarissa Moreira Pereira e Ana Beatriz Chamati discorrem sobre outro assunto delicado e fundamental: como compreender e lidar com o processo de luto na infância, destacando o papel do adulto.

Por fim, mas não menos interessante, o texto “Superorganismos”, de Candido V. B. B. Pessoa, na seção Análise do Comportamento Aplicada à Cultura, provoca uma reflexão sobre o dualismo indivíduo/sociedade apoiando-se em referências da Antropologia e da Filosofia, e coloca o tema em pauta para a comunidade de analistas do comportamento. Momentos como este em que vivemos ilustram com maior clareza o impacto das ações de cada um sobre a comunidade, todos os outros. A reflexão proposta neste texto fecha esse Boletim mais uma vez levantando para nós analistas do comportamento a questão de como podemos contribuir.

Assim encerramos o editorial deste 15º Boletim. Enfrentando desafios, nos apoiando no conhecimento disponível, desenvolvendo conhecimento novo, produzindo práticas que promovem uma sociedade melhor. Desejamos a todos muita saúde e muita variabilidade comportamental, para que possamos seguir fortes como agentes de mudanças tão fundamentais neste momento. Cuidem-se.

Com carinho,  
Candido Pessoa  
Cássia da Hora  
Denis Zamignani  
Joana Singer  
Marina Dantas  
Roberta Kovac  
Roberto Banaco

especialização em

# ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E DESENVOLVIMENTO ATÍPICO<sup>(\*)</sup><sup>(\*\*)</sup>

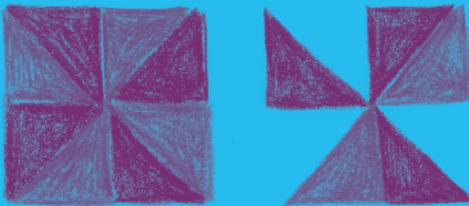
curso presencial\*\*\*\*

## coordenação

**CLÁUDIA STEFÂNIA FIGUEIREDO NEVES COIMBRA** (CRP 06/86396)

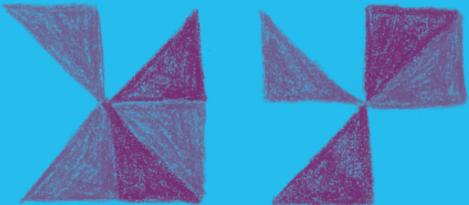
**ANNA BEATRIZ MULLER QUEIROZ** (CRP 06/93698)

**CÁSSIA LEAL DA HORA** (CRP: 06/87228)



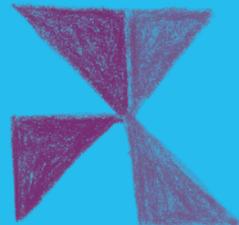
### início

início fevereiro de 2021



### objetivo

O curso visa qualificar profissionais com ferramentas teóricas e práticas para intervenções baseadas em ABA a indivíduos com TEA e desenvolvimento atípico.



dias e horários (quinzenalmente)

**turma 01 de seg/ter**

Segundas e Terças, manhã e início da tarde

ou

**turma 02 de sex/sáb**

Sextas, tarde e noite  
Sábados, manhã e tarde

**duração**

quatro semestres,  
carga horária total de 502 horas

**público-alvo**

psicólogos e profissionais das áreas de saúde e educação

(\*) A realização do curso está sujeita ao número mínimo de inscrições

(\*\*) A participação no curso está condicionada a aprovação no processo seletivo

\*\*\* curso PRESENCIAL podendo ser ONLINE enquanto e quando for necessário por motivos de saúde pública

<https://www.paradigmaac.org/especializacao-qualificacao>

# Teoria e Aplicação

## Diálogos: Disseminação da ciência para além da comunidade analítico-comportamental

Ana Beatriz Chamati, Giovana Munhoz da Rocha

A Análise do Comportamento ou Ciência do Comportamento, criada por B. F. Skinner, ainda é pouco conhecida pelo grande público, apesar das inúmeras possibilidades que pode oferecer para melhoria da qualidade de vida e compreensão do comportamento humano, bem como resolução de muitos problemas cotidianos. Entretanto sabemos que outras abordagens, muitas sem a mesma qualidade de sustentação científica, são amplamente utilizadas por leigos para explicar eventos do dia a dia. Isso nos fornece uma pista de que parece ser ainda necessário que os análises do Comportamento aprimorem sua comunicação, tão clara e objetiva no meio acadêmico, levando nossa ciência para outras comunidades. A discussão já foi apresentada na abertura do Encontro Anual da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, em 2015, na cidade de São Paulo, demonstrando a importância do tema. Denis Zamignani, Marcelo Benvenuti e Martha Hubner expuseram sólidos argumentos sobre a importância da mudança, ou aprimoramento, de nossa abordagem.

Sidman (1989/2009) afirmou que a Análise do Comportamento tem contribuições relevantes para a educação, diplomacia, lei, família, dentre outros. Destaca que os cientistas do comportamento poderiam alertar o público que existem evidências sobre mudanças nessas e em outras áreas, em vez de aceitar as práticas tradicionais.

Este parece ser um momento oportuno para se pensar a respeito. O mundo vive uma pandemia sem precedentes e parece que alguns conceitos científicos relativos ao Covid-19

Sidman (1989/2009) afirmou que a Análise do Comportamento tem contribuições relevantes para a educação, diplomacia, lei, família, dentre outros.

proporcionaram uma aproximação significativa com o público leigo, abrindo portas para a discussão sobre o que é ou não conhecimento científico, bem como maior conscientização sobre a importância da ciência para a sobrevivência da espécie humana. O fato de algumas pessoas ainda serem resistentes em confiar em dados de pesquisa pode ser um indicador do desconhecimento sobre os métodos que produ-

zem evidências confiáveis, o que deixa espaço para doutrinação e negação de uma realidade contundente.

### **Conceito de ciência**

Os registros mais antigos sobre a definição de ciência remontam aos filósofos pré-socráticos, também conhecidos como filósofos da natureza. Eles romperam com argumentações míticas sobre a origem do mundo, do homem e de outros fenômenos e buscaram pela observação da natureza os elementos que fossem a origem de tudo.

Depois, vieram Arquimedes, Sócrates, Platão, Aristóteles, e tantos outros. Copérnico, Galileu e Newton são outros grandes exemplos dos precursores da ciência tal como conhecemos. Pode-se definir ciência, de acordo com Francis Bacon, como interpretação e conhecimento da natureza.

### **Análise do comportamento como ciência**

Sidman (1989/2009) afirma com veemência que a Análise do Comportamento é a Ciência do Comportamento. Para Skinner (1953), a ciência é primordialmente um conjunto de atitu-

Ele define que a ciência vai para além de buscar descrever acontecimentos, mas procura mostrar que acontecimentos estão ordenadamente relacionados com outros, com vistas a previsão e manipulação de fenômenos

des, uma disposição para aceitar fatos, mesmo que estes não sejam aquilo que desejamos. Ele define que a ciência vai para além de buscar descrever acontecimentos, mas procura mostrar que acontecimentos estão ordenadamente relacionados com outros, com vistas a previsão e manipulação de fenômenos. Dessa forma, pode-se inferir que o comportamento também segue uma ordem e é determinado. Assim sen-

do, compreende-se que o que as pessoas fazem é fruto de condições que podem ser observadas e descritas. Desta forma seria possível antecipar estas ações (1953, p. 7.). Entretanto, em 1974, Skinner afirmou que estava mais preocupado com a interpretação do que com a previsão e controle do comportamento (1974/2002, p. 21).

Skinner em 1953 escreveu:

(...) Talvez não seja a ciência que esteja errada, mas sua aplicação. Os métodos da ciência têm tido um sucesso enorme onde quer que tenham sido experimentados. (...) É necessário apenas levar nossa compreensão da natureza humana até o mesmo grau. Na verdade, essa é nossa única esperança. Se pudermos observar cuidadosamente o comportamento humano, de um ponto de vista objetivo e chegar a compreendê-lo pelo que é, poderemos ser capazes de adotar um curso mais sensato de ação. (...) Compreende-se que não há nenhum interesse em fomentar a ciência da natureza a não ser que inclua uma ponderável ciência da natureza humana, pois só neste caso os resultados serão sabiamente aplicados. É possível que a ciência tenha vindo em socorro e que a ordem seja finalmente alcançada na esfera dos assuntos humanos. (p. 6, 1953/2003).

Entende-se assim que os analistas do comportamento são responsáveis por tornar a Ciência do Comportamento palatável, compreendendo a ciência como um conjunto de conhecimentos que operam no ambiente tendo como característica formadora em sua origem ser comunicável sem deixar de lado fenômenos complexos, pois dessa forma seria reducionista,

tendo a ciência como função primordial explicar o mundo e a realidade das pessoas, sendo estruturada de maneira que sirva à comunicação como prática social não dogmática e nem imediatista.

### Linguagem acessível

Nossa ciência, portanto, diferencia-se pela possibilidade de oferecer alternativas objetivas de resolução de problemas, mesmo aqueles mais complexos que se encontram no âmbito social. Para isso, é preciso que propaguemos uma prática cada vez mais abrangente de exposição clara dos princípios com os quais trabalhamos, com vistas a atingir um número cada vez maior de pessoas. O desafio, segundo Todorov e Hanna (2010), é integrar a Análise do Comportamento aos diferentes temas da psicologia. Mais um motivo pelo qual é preciso aprimorar nossa maneira de nos comunicarmos com outras audiências.

Alguns termos centrais à compreensão dos comportamentos pelos analistas de comportamento estão no dia a dia das pessoas, porém nem sempre em sua completude e por vezes com sentidos diferentes. Professores na educação infantil, por exemplo, utilizam correntemente a expressão “reforçar o conteúdo”. Pais dizem que “reforçaram as regras”. Entretanto essas pessoas desconhecem o conceito, que lhes poderia ser extremamente útil para que de fato os conteúdos fossem aprendidos, e as regras, compreendidas e respeitadas. Punição também é um termo amplamente utilizado, de maneira mais próxima ao que nos referimos no círculo acadêmico, mas ainda assim poderia ser de grande valor que a comunidade soubesse como a punição de fato funciona, seus efeitos e alternativas.

Isto posto, resta resumir que temos as ferramentas para a aproximação, mas é preciso encontrar caminhos que nos levem a novos lugares. Veremos algumas possibilidades do que e como poderíamos comunicar.

No ensino, podemos contribuir diretamente estando dentro das escolas ou orientar a atuação de profissionais da educação a respeito do conhecimento de características específicas do desenvolvimento infantil e adolescente e auxiliar na implementação de estratégias e ferramentas de manejo comportamental, instrumentalizando professores a redirecionar problemas de comportamento dentro da sala de aula e no processo de aprendizagem, sendo parte do que afirmou Skinner (1968) que ensinar é simplesmente o arranjo de contingências de reforçamento. Nós, analistas do comportamento, somos responsáveis por atuar na modificação dessas contingências de ensino conforme a necessidade do aprendiz.

No trabalho de orientação parental, nos cabe auxiliar na observação e descrição do comportamento humano, bem como ensinar a discriminação de variáveis que influenciam na determinação do que a criança faz, fortale-

Isto posto, resta resumir que temos as ferramentas para a aproximação, mas é preciso encontrar caminhos que nos levem a novos lugares.

cendo os pais em suas ações para redirecionar o comportamento infantil de forma segura, trabalhando na prevenção de problemas futuros e na previsibilidade comportamental. Como falar com pais sobre conceitos da análise do comportamento de maneira coloquial é algo importante a ser aprendido pelo analista do comportamento, conforme Chamati (2014) faz em texto que é material de apoio ao clínico, e que ensina os pais a atentarem para o que a criança faz e que é

valorizado verbalmente por eles, porém, muitas vezes, na prática é negligenciado.

Assim, este texto é um convite para os analistas do comportamento ao compromisso e responsabilidade em disseminar a Ciência do Comportamento em prol de beneficiar vidas salientando que essa comunicação deve ocorrer com palavras acessíveis, objetividade e argumentos de fácil compreensão em prol de criarmos formas de ação. Temos inúmeras maneiras de disseminar ciência. Sabemos que em parte temos dificuldade porque estamos falando de algo complexo, porém é preciso lutar por uma sociedade que seja capaz de acessar a ciência, a qual é produto cultural. Juntos podemos trabalhar e lutar por esta causa sempre salientando o nosso compromisso ético com a verdade da ciência, seja neste período de isolamento, no WhatsApp, em uma live no Instagram, ao ministrar uma aula ou palestra, ao escrever um

texto de acesso ao público leigo. Somos parte da mudança e temos um compromisso com a Análise do Comportamento e nossa comunidade, pois enquanto analistas do comportamento, temos além de um propósito, o compromisso em disseminar ciência. ■

### Referências

- Chamati, A. B. (2014). Encontrando a luz azul. Análise do Comportamento aplicada à educação – Orientação de pais. *Boletim Paradigma*, p. 26-27.
- Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York, NY: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1982). Sobre o behaviorismo. São Paulo: Cultrix-Edusp. (Publicado originalmente em 1974.)
- Skinner, B.F. (1989). *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. (Publicado originalmente em 1953.)
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Editorial Psy II.
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S.. (2010). Análise do comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 143-153. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500013>

**Ana Beatriz Chamati** é psicóloga clínica, especialista e mestre em psicologia experimental. É coordenadora do curso "Formação em desenvolvimento humano: infância e adolescência" no Ipq-HC-FMUSP e do curso "Aprimoramento em clínica analítico-comportamental: orientação parental e intervenção com crianças e adolescentes" no Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. Em 2016 atuou no Early Years & Counselling na escola mais verde do mundo, Green School, Bali - Indonésia. É membro associado do Centro Paradigma. É autora do livro infantil "Abra a Caixa".

**Giovana Munhoz da Rocha** Graduada em Psicologia pela UTP em 1997, mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência pela Universidade Federal do Paraná (2002). Concluiu seu doutorado na Universidade de São Paulo em outubro de 2008. Sua tese versa sobre aspectos da psicoterapia com transgressores de alto-risco. Atuou como professora substituta concursada no curso de Psicologia da UFPR por dois anos. Atualmente é professor adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), onde é orientadora no Mestrado de Psicologia, Área de concentração Psicologia Forense. Tem experiência na área de Psicologia Clínica, atuando em clínica particular como analista de comportamento há mais de vinte anos; atua da mesma forma em Psicologia Clínica Forense. Seus interesses acadêmicos e científicos residem principalmente nos seguintes temas: comportamento antissocial, práticas parentais educativas, análise do comportamento, clínica forense, transtorno de personalidade antissocial, transtornos de conduta, avaliação forense e psicopatia. Foi Conselheira eleita da Gestão 2014-2015 e 2016-2017 da Sociedade Brasileira de Psicologia e Membro Consultor da "Comissão de Apoio às Vítimas de Crime" da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Paraná.

# FORMAÇÃO EM AT (ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO)

curso presencial ou online\*

## coordenação

MARINA DANTAS PEDRO (CRP 06/118643)

FERNANDO ALBREGARD CASSAS (CRP 06/80968)

## início

fevereiro de 2021

## objetivo

Propiciar conhecimento teórico e técnico a respeito da intervenção analítico comportamental em ambiente natural, possibilitando a aplicação do conhecimento no atendimento de casos que demandam este tipo de atenção.

## carga horária

total: 134 horas

63 horas de aulas teóricas

51h de supervisão clínica + 20h prática supervisionada

## informações

<https://www.paradigmaac.org/formacao-em-acompanhamento-terapeut>

## dia e horário

aulas semanais às terças-feiras, das 19h às 22h30



paradigmaac.org | Rua Wanderley, 611  
Perdizes São Paulo/SP  
Tel. 11 3672 0194 | CRP 06/5164-J

\*Curso PRESENCIAL podendo ser ONLINE enquanto e quando for necessário por motivos de saúde pública

# Análise do Comportamento Aplicada à educação

## A vacina comportamental

Thiago W. Calegari, Candido V. B. B. Pessôa

Enquanto não recebemos da fisiologia a esperada vacina para imunização contra a Covid-19, Szabo et al. (2020) lembram que os analistas do comportamento já testaram uma série de “vacinas comportamentais que não custam nada, são rapidamente ensinadas e aprendidas e inoculadas contra comportamentos inseguros ou tóxicos”. O uso desse conjunto de procedimentos, baseados em 11 estratégias de mudança comportamental estabelecidas

Vacinas comportamentais que não custam nada, são rapidamente ensinadas e aprendidas e inoculadas contra comportamentos inseguros ou tóxicos.”

com base em muita evidência científica (para uma discussão mais detalhada desse ponto, confira Embry e Biglan, 2008), visa fazer com que famílias com crianças possam prosperar, no lugar de apenas sobreviver, durante esse período de afastamento social em que vivemos. Essas práticas, que podem ser adaptadas de acordo com os contextos específicos de cada família, são exercícios que (A) promovem o uso de horários e rotinas, (B) promovem os valores e normas da família, (C) aumentam re-

forço positivo, e (D) servem como antecedentes para comportamento pró-social. A seguir, apresentamos uma lista resumida do que foi calmamente apresentado por Szabo et al.

### Promoção do uso de horários e rotinas

1. **Estabelecer expectativas claras:** fornecer lembretes orais ou visuais com regras. Na medida do possível, toda a família pode ser envolvida no estabelecimento de regras aceitáveis a serem seguidas. Uma estratégia adicional seria permitir que as crianças soubessem o quanto é importante elas lembrarem seus familiares das expectativas estabelecidas pela família.
2. **Usar agendas de atividades:** criar agendas textuais ou com figuras interativas e visualmente estimulantes para estruturar o ambiente doméstico. Ajuda na promoção de independência e na transição entre atividades. Na medida do possível, incluir as crianças no estabelecimento dessas rotinas e dar a elas a possibilidade de esco-

lher a ordem das atividades pode fazê-las entender o poder que têm sobre aspectos do ambiente.

3. **Usar temporizadores:** Os temporizadores – também conhecidos como *timers* – permitem várias estratégias. Vencer o cronômetro costuma ser lúdico por si, mas pode-se adicionar outras recompensas. Deve-se ter cuidado para não haver “punição negativa por tentar”.
4. **Usar bilhetes de reconhecimento ou de elogio:** os membros da família podem ter, cada um, uma série de cartões para preencherem com o nome de outros familiares e o que esse familiar fez que pode ser reconhecido como um ato pró-social importante (e.g., ajudar o irmão quando esse estava em apuros, ajudar a acalmar uma briga, assumir uma tarefa que não era dele quando o responsável original estava em apuros por algum motivo). Esses cartões podem ser adicionados a um álbum, entregues diretamente à pessoa que realizou o pequeno heroísmo ou serem colocados em um cartaz na própria casa.

## Promoção de valores e expectativas da família

1. **Apoiar comportamentos de empatia ou de tomada de perspectiva:** se colocar no lugar do outro e ensinar uma criança a se colocar no lugar do outro (reforçar esse tipo de comportamento) são fatores importantes para se criar uma relação de tolerância e aliviar situações de estresse.
2. **Pausas de cinco minutos:** os filhos podem aprender comportamentos tóxicos por modelação durante as discussões entre os pais, principalmente se o uso de coerção for ne-

gativamente reforçado nessas discussões. Os pais conseguem fazer uma pausa se a discussão entre eles aumentar de intensidade pode evitar essa aprendizagem pelas crianças. Elas podem ser ensinadas a fazer o mesmo e perceber como isso pode também ser um ato de bravura na família.

3. **Puxar assuntos:** ter um jarro com vários cartões de assuntos que podem interessar às crianças e sortear alguns deles durante as refeições pode ajudar bastante na permanência delas à mesa (principalmente se estamos sempre caindo no assunto quantidade de mortes pela Covid-19). É muito útil que os pais saibam também como aprofundar os assuntos ou ter escuta ativa (e.g., demonstrar entendimento, completar ou pedir mais informações).
4. **Visão da família:** pode-se tentar estabelecer uma frase escrita que declare a posição da família sobre como enfrentar desafios. Por exemplo: “Nossa família se destaca quando as coisas ficam difíceis e fazemos a nossa parte para ajudar os outros”. A combinação de recitar essa declaração junto com a verificação da rotina diária é uma ótima vacina contra comportamentos tóxicos!
5. **Exercícios de clarificação de valores:** identificar padrões de comportamentos que levam a reforçadores poderosos, mas atrasados, geralmente leva ao engajamento nesses comportamentos. Um exercício que pode ser feito diversas vezes e modificado de acordo com as circunstâncias é a Linha da Vida. Traça-se uma linha no chão ou em um papel e adicionam-se fotos ou desenhos de fatos importantes para a família. Em seguida, discute-se como cada um reagiu e o que aprendeu nessas circunstâncias

e como pode-se usar essas lições nas circunstâncias atuais.

## Aumentar reforço positivo

1. **Localizar e reforçar paciência e resiliência:** a estratégia analítico comportamental padrão é reforçar comportamentos funcionalmente equivalentes mas com topografia aceitável. Entretanto, às vezes isso não é possível com comportamentos de fuga (e.g., sair de casa sem a supervisão de um adulto). Nesses casos, é possível ensinar tolerância às atividades ou situações não preferidas, usando aumento gradual da exposição aliado a reforço. Aumentar a taxa ou duração do reforço ou reduzir seu atraso contingentes ao aumento gradual da exposição a atividades não preferidas gera o que chamamos de paciência ou resiliência. Isso pode ser aliado a frases como “Adoro ver você ensinando sua irmã a ser paciente!”, que geralmente aumentam o engajamento da criança que está aprendendo a ser paciente.
2. Usar contingências de grupo entre irmãos: inicialmente, pode-se fazer um cartaz com duas partes, de um lado coloca-se o que os membros da família gostariam de ver, ouvir, sentir e fazer mais, do outro lado e o que gostariam de ver, ouvir, fazer e sentir menos. Em seguida, divide-se a família em grupos (os pais podem fazer parte dos grupos se a família for pequena) e marca-se um tempo para a duração do jogo – começamos com 1 minuto e aumentamos conforme esses tempos deixarem de ser desafiadores, sempre procurando que sejam atingíveis. Se o grupo atingir o critério estabelecido para a ocorrência do que se gostaria ou para a não ocorrência do que não se gostaria, há uma premia-

ção combinada previamente (e.g., sessão de cócegas, sessão pipoca, guerra de travesseiros). Esse jogo é muito bom para as situações que geralmente apresentam problemas comportamentais.

### 3. Incorporar jogos às atividades

- a. Transformar tarefas que precisam ser realizadas, como exercícios de matemática ou cuidados com a casa em jogos. Por exemplo, a cada problema resolvido o jogador chegará mais perto do objetivo, de forma que ele ganhará o jogo quando resolver todos os problemas. Como qualquer jogo de tabuleiro, pode-se adicionar um contexto como escalar uma montanha, escapar da floresta ou salvar o planeta.
- b. Encadear atividades de forma que a atividade mais preferida seja realizada depois da menos preferida. Por exemplo, limpar o quarto por cinco minutos para jogar por 10 minutos no computador ou limpar o quarto por 10 minutos e ganhar 25 minutos de computador. Ou ainda, se dedicar a leitura por 15 minutos para fazer pipoca por meia hora.

## Estratégias antecedentes

1. **Atenção não contingente e demonstrações de interesse:** pais podem utilizar *timers* para serem lembrados de dar atenção ou demonstrar interesse a seus filhos de tempos em tempos. Essa atenção pode ser dada na forma de perguntas do pai ou verbalizações empáticas sobre a atividade na qual os filhos estão engajados.
2. **Espaços designados para atividades específicas:** as diferentes atividades designadas

na rotina da criança, tais como estudar, ler, meditar ou desenhar, podem ser feitas em lugares diferentes da casa. Cada lugar pode ter uma dica visual da atividade que deve ser realizada ali. Uma rotação entre os lugares da casa pode ajudar a aliviar o fato de a criança estar dentro de casa o tempo todo.

3. **Exercícios de aqui- e - agora:** há muitos estímulos competindo por nossa atenção durante a crise que estamos vivendo. Pensamentos e preocupações sobre o que pode acontecer, notícias a toda hora e mídias sociais nos distraem das estratégias efetivas de interações entre pais e filhos.

a. **Acariciar o animal de estimação:** acariciar os animais de estimação geralmente é uma atividade bem preferida para as crianças e para os animais. Fazer essas estratégias devem ser pensadas levando-se em conta cada particularidade de cada família. macia ou mais quentinha da pele deles costuma ajudar na concentração. Respirações lentas e profundas durante o exercício também ajudam. É útil tentar conectar essas experiências com aspectos mais difíceis da vida: “Se eu posso estar aqui e agora nesta situação, eu posso tentar fazer o mesmo enquanto estou ajudando meus filhos nas tarefas de escola”.

b. **Cinco minutos de meditação diária:** durante as atividades de cada membro da família, podemos usar a estratégia de “fazer uma coisa e somente uma coisa” com o objetivo de aumentar o foco e diminuir a interferência de estímulos distratores. Meditar por cinco minutos deixando tudo o mais de lado é uma

forma de treinar para conseguir fazer isso (pode-se começar com um minuto somente). Essa atenção focada aprendida com a meditação pode ser usada em outros momentos, como deixar tudo o mais de lado (principalmente o celular) na hora de ajudar os filhos com as tarefas escolares.

c. **5-4-3-2-1:** com o objetivo de trazer a atenção para o momento presente, todos na família podem fazer o exercício de ficar parado no lugar e descrever cinco coisas que eles podem ver, quatro coisas que eles podem ouvir, três coisas que podem tocar, duas coisas de que podem sentir o cheiro e uma coisa de que podem sentir o sabor. Os participantes

podem ser instruídos a se ajudar com dicas uns para os outros. Os pais podem participar também, de forma aberta se for divertido ou de forma encoberta se perceberem que seus pensamentos estão impedindo que concentrem a atenção no aqui e agora de suas famílias.

### Limitações

Os autores do texto deixam claro que essas estratégias devem ser pensadas levando-se em conta cada particularidade de cada família. Afinal, a individualidade de cada história e da função de cada comportamento é um marco da análise do comportamento aplicada. Dessa forma, a ajuda de um analista do comportamento supervisionado será muito bem-vinda na implantação dessas estratégias.

Nossa intenção aqui foi reduzir o custo de o leitor entrar em contato com todas essas estratégias. Achamos importante também dizer que simplificamos todas. Aconselhamos a quem se interessou por experimentar ou divulgar essas estratégias que leia o texto, riquíssimo em referências de evidências científicas que baseiam as estratégias e de variações que podem ser aplicadas para cada uma. Como propostos por Embry e Biglan (2008), essas estratégias podem ser usadas sozinhas ou combinadas. Quando combinadas, o impacto positivo poderá ser maior, constituindo-se assim verdadeiras vacinas comportamentais para nos imunizar contra as adversidades que vivemos agora. Certamente, estaremos mais saudáveis para esperar a outra vacina. ■

## Referências

Embry, D. D., & Biglan, A. (2008). Evidence-based kernels: Fundamental units of behavioral influence. *Clinical Child and Family Psychological Review*, 11, 75-113. <https://doi.org/10.1007/s10567-008-0036-x>.

Szabo, T. G., Richling, S., Embry, D. D., Biglan, A., & Wilson, K. G. (2020). From helpless to hero: Promoting values-based behavior and positive family interaction in the midst of Covid-19. *Behavior Analysis in Practice*, 23, 1-9.

**Candido Pessoa** é Administrador de Empresas formado pela FGV-SP, Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC/SP e Doutor em Ciências (Psicologia Experimental) pela USP. Atua no Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento como professor e orientador no Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada e como coordenador do Curso de Formação em Gestão Comportamental de Organizações. É professor de Gestão Comportamental de Pessoas no MBA de Economia Comportamental da ESPM. Coordena o grupo de pesquisa Comportamentos e Sistemas Organizacionais

**Thiago Calegari** é cientista comportamental e mestre profissional em Análise do Comportamento Aplicada pelo Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. Foi servidor público do Município de Barueri entre 2009 e 2016, atuando na área da educação e juventude. Em 2016 conduziu e avaliou a implementação de um projeto de manejo de sala de aula baseado no *Good Behavior Game* e em bilhetes de reconhecimento de comportamentos pró-sociais (*tootle notes*) em duas turmas de ensino fundamental I de uma escola da rede municipal de educação da referida cidade. Foi também professor universitário entre 2018 e 2020. Tem interesse na área de prevenção de problemas psicológicos e de comportamento em crianças e adolescentes de acordo com o modelo de ambientes nutridores (*nurturing environments*). Atualmente está envolvido em um projeto de parceria com o PAXIS Institute ([paxis.org](http://paxis.org)) para implementar o Jogo PAX de Atitudes Positivas (PAX *Good Behavior Game*®) em escolas brasileiras. E-mail de contato: [thicalegari@pm.me](mailto:thicalegari@pm.me).

qualificação avançada em

# CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

CURSOS  
paradigma

coordenação

**LIANE DAHÁS**

**ROBERTA KOVAC**

Inscrições  
abertas para a

**31ª**

turma

Integração entre filosofia, teoria e técnica  
para uma formação de excelência

Corpo docente de altíssimo nível

Conteúdo apresentado de forma gradual em  
12 disciplinas

público-alvo

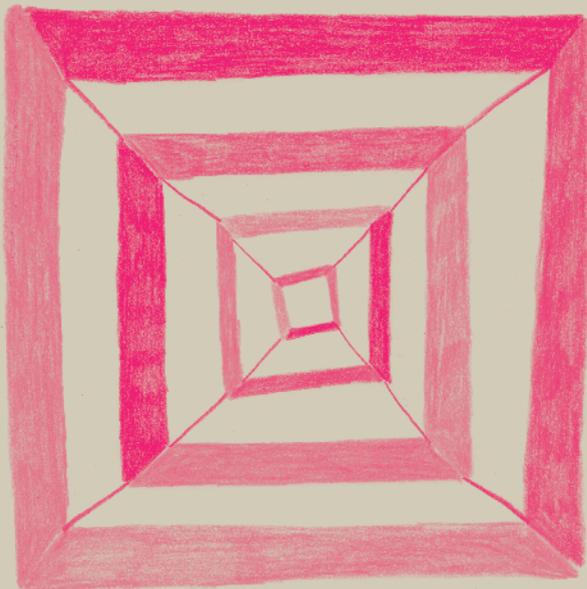
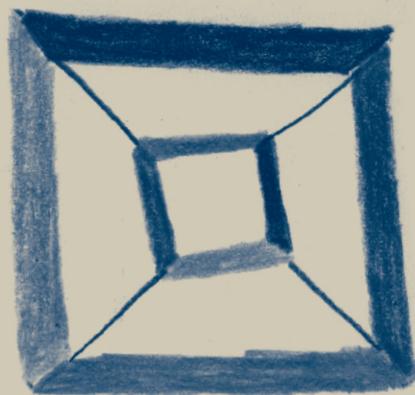
psicólogos e médicos com residência  
em psiquiatria

duração

2 anos (quatro semestres)

início

fevereiro de 2021



dias e horários

aulas fins de semana  
(cronograma completo no site)

horário de supervisão quinzenalmente,  
sextas das 13h às 16h ou  
quartas das 10h às 13h ou  
segundas, quartas e quintas das 19h às 22h;

## ATENÇÃO

modalidades de curso inteiramente  
online + outras modalidades  
(híbrido e presencial): mais  
informações no site

# Análise do Comportamento Aplicada a questões das minorias

Direitos humanos, estresse de minorias e ciência comportamental: proposta de um grupo de trabalho

Ananda Pantet, Denis Roberto Zamignani, Liane Jorge de Souza Dahás

De acordo com a Organização das Nações Unidas, os direitos humanos “são direitos inerentes a todos os seres humanos, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição” (Onu, 2000, primeiro parágrafo), sendo eles o Direito à Vida, o Direito à Liberdade, o Direito à Liberdade de Expressão, o Direito ao Trabalho e à Educação, o Direito à Segurança Pessoal, dentre outros. Em outubro deste ano comemoraremos os 72 anos de adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O documento, que apresenta 30 artigos e está traduzido em mais de 500 idiomas, pode ser lido na íntegra no site da instituição (ONU, 1948), e claramente se direciona a toda e qualquer vida humana. No entanto, fez-se necessária a aprovação de uma nova declaração em 1992 para trazer à tona o óbvio: pessoas pertencentes a minorias (nacionais, étnicas, linguísticas, religiosas, etc.) são as que menos têm seus direitos inerentes assegurados (ONU, 1992)

Minorias originam-se de uma particularidade de grupo que possui assimetria social – seja ela educacional, econômica, de gênero, racial, sexual, cultural, entre outros. Contrário

do que costuma ser entendido enquanto quantidade numérica (parte do vocabulário das Ciências Políticas), o termo ampliou-se na Sociologia e refere-se à desvantagem ou dependência do grupo minoritário em relação ao “majoritário”. A relação entre os dois grupos envolve uma relação de poder, do qual o grupo “majoritário” tem dominância sobre o minoritário; dominância traduzida em discriminação e violência (cultural, psicológica e física), e torna-se fator gerador de vulnerabilidade (Chaves, 1977; Carmo, 2016; Ramattiocci, 2019). Chaves (1977) usa do exemplo da União Sul-Africana e o *apartheid* para exemplificar o conceito: uma minoria quantitativa branca controla uma enorme maioria quantitativa negra, impondo-lhes normas e políticas que mantêm desvantagens para a maioria. Apesar da quantidade negra ser maioria, seu poder é minoritário.

Neste artigo, portanto, o termo “minorias” será usado enquanto conceito sociológico, entendendo que as relações entre grupos baseiam-se em normas definidas por grupos “majoritários” sobre padrões de “normalidade” (Carmo, 2016).

## Estresse de minorias

O preconceito, a exclusão social, a dificuldade de acesso à saúde mental e a violência física, verbal e psicológica são temas de relevância científica e de compromisso social do Conselho Federal de Psicologia, acompanhado do código de ética profissional do psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Minorias sociais são considerados grupos de vulnerabilidade em relação à saúde mental, advindos de falta de informação e estigma sobre saúde mental de forma geral, sofrimento pelos efeitos do preconceito, estereótipo e exclusão social, além de dificuldade de acesso à saúde. São grupos que historicamente sofrem de forma sistemática por serem ou se comportarem de forma diferente do padrão estabelecido pelo grupo social dominante.

Estresse pode ser definido como uma reação do organismo a um contexto que elicia/aumenta a probabilidade de emissão de respostas tipicamente conhecidas como medo, irritação, excitação e confusão (Lipp, 1984). Portanto, quando falamos a respeito de estresse para membros de grupos minoritários, ou estresse de minorias, nos referimos ao enorme apanhado de elementos estressores relacionados a valores do grupo dominante (e.g. padrões de beleza, estereótipos de gênero e raciais e/ou diferenças de tratamento para membros de grupos minoritários) que discriminam e estigmatizam as minorias, produzindo efeitos negativos para esta população (Meyer, 1995; Lawrenz & Habigzang, 2019). Efeitos que podem se dar no âmbito socioeconômico, de saúde física (Graham, 2009; Sederer, 2016) ou psicológica, com impacto importante na constituição da identidade dos indivíduos pertencentes a esses grupos (Banaco & Zamignani, 2019; Green et al., 2007; Greer & Brown, 2011; Hurst, Baranik, & Daniel, 2013; Wei et al., 2010).

O conceito de estresse de minorias foi utilizado inicialmente dentro da militância LGBTQIA+, nos EUA, tendo sido cientificamente reconhecido pela American Psychological Association (APA), passando a compor a literatura científica e política das demais minorias em diversos locais do mundo (Dentato, 2012; Lawrenz & Habigzang, 2019; Clark & Mitchell, 2018). O termo desenvolveu-se a partir de teorias sociais e psicológicas e refere-se ao conflito resultante entre valores dominantes e minoritários, com as experiências de membros de grupos minoritários em sociedade.

Sua área de pesquisa se concentra no sofrimento psicológico decorrente da convivência com um “ambiente social estressante, que tende a estigmatizar e discriminar indivíduos pertencentes a grupos minoritários” (Lawrenz & Habigzang, 2019, p. 2) e em suas implicações na subjetividade, na saúde e, inclusive, no acesso a bens e serviços.

O estudo do estresse de minoria e seus efeitos é de grande relevância para o estímulo ao desenvolvimento de políticas públicas de inclusão e de proteção aos grupos vulneráveis, além de trazer elementos para o desenvolvimento de estratégias de atendimento e cuidado a indivíduos pertencentes a esses grupos.

O Brasil possui um conjunto de leis voltadas à proteção das minorias, além de ter garantida na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a proibição “a qualquer tipo de discriminação, seja pela raça, etnia, religião, sexo ou outro fator distintivo da classe dita dominante” (Novo, 2019, p. 1). Apesar desse respaldo legal e da existência de políticas públicas específicas voltadas ao auxílio dos diferentes grupos vulneráveis, as estatísticas de desigualdade, violência e preconceito ainda são alarmantes.

Há ainda grande diferença de acesso entre negros e brancos em carreiras mais valorizadas

no mercado de trabalho, que oferecem melhor remuneração - com maior número de negros em carreiras de nível intermediário (Silva & Silva, 2014); há prevalência de indivíduos da cor preta (7,1%) e parda (54,6%) na condição de pobreza, enquanto indígenas e amarelos representam 0,2% cada, e brancos 37,9%. (Rocha, 2006).

No ano de 2017, houve 1720 denúncias de violência contra a população LGBTQIA+, sendo 423 de lesão corporal e 193 homicídios ou tentativas de homicídio (IPEA, 2019); o Brasil apresenta um dos maiores índices mundiais de homicídios de pessoas trans – foram 129 homicídios no ano de 2019 (Benevides & Nogueira, 2020). Além disso, travestis e transexuais enfrentam condição de grande vulnerabilidade,

Estresse de minorias: elementos estressores relacionados a valores do grupo dominante (e.g. padrões de beleza, estereótipos de gênero e raciais e/ou diferenças de tratamento para membros de grupos minoritários) que discriminam e estigmatizam as minorias, produzindo efeitos negativos para esta população.

com difícil aceitação em lugares públicos e baixa empregabilidade. Cerca de 85% desta população não consegue permanecer na escola e terminar o ensino médio, cerca de 90% é expulsa de sua família ainda jovem e, por falta de oportunidades de trabalho, muitos(as) têm que recorrer à prostituição para a sobrevivência. Devido a esses fatores, apresentam risco quatro vezes maior de desenvolver depressão e dez vezes maior de ideação suicida que a média da população (Mourão & Zamignani, 2018, p. 3).

O contexto da pandemia do Covid-19 trouxe fatores adicionais de vulnerabilidade para as mulheres, incluindo risco aumentado de violência doméstica – o estado do Rio de Janeiro, por exemplo, teve um aumento de 50% nos casos; ademais, as mulheres são maioria na linha de

frente do combate ao Covid-19 (70% dos trabalhadores da área da saúde e do terceiro setor no mundo são mulheres), além de maioria dentre os trabalhadores informais – um dos grupos mais vulneráveis em meio à pandemia; isso tudo adicionado à dupla jornada de trabalho, já que a maioria das tarefas domésticas e dos cuidados dos filhos e idosos ainda é atribuição feminina em boa parte dos lares (Lima, 2020).

### **Análise do comportamento, Direitos Humanos e estresse de minorias**

Em *Walden II*, Skinner (1972) defende a cultura como fundamental para sobrevivência de nossa espécie, discutindo a aplicabilidade de tecnologias comportamentais nos arranjos de con-

tingências que promovam a sobrevivência humana de maneira equilibrada entre o bem-estar individual e o bem-estar cultural. Em “O que está errado com a vida cotidiana no mundo ocidental”, Skinner (1987) dis-

cute os grandes e graves problemas humanos da época e as condições mantidas e fortalecidas por contingências envolvendo reforçadores individuais que dificultam o estabelecimento de controle por parte de reforçadores mais estendidos no tempo, que funcionem como consequência para o grupo.

Embora Skinner apostasse no poder de sua ciência como construtora de um ambiente cultural menos aversivo e com distribuição igualitária de reforçadores positivos (Skinner, 1978, 1987), a ciência psicológica, e, ainda mais fortemente, a de cunho behaviorista, tem sido acusada de ser instrumento de manutenção de privilégios para determinados grupos (Holland, 1974). Tais privilégios são fruto de contingências as quais poucos experienciam,

podendo ser medidos não somente pela posse de bens, como também pela manutenção e replicabilidade do *status quo* daquele grupo, único com acesso às contingências de poder.

Skinner (1978) defende o papel do analista do comportamento no desenvolvimento e aplicação de tecnologias comportamentais com vistas a estabelecer um

planejamento eficaz para resolução de problemas da vida cotidiana. Fink (2014) aponta que tal defesa não foi suficiente para garantir

que pesquisadores e aplicadores das ciências comportamentais efetivamente se debruçassem sobre as práticas culturais que levam ao agravamento do controle coercitivo sobre determinados grupos, e buscassem combater as desigualdades sociais e as violações de direitos humanos – tão comuns de nossa era. Para Rumph et al. (2005), um caminho possível para tal prática seria o estudo conjunto de outras disciplinas capazes de lançar luz sobre fenômenos culturais de relevância social, como economia, sociologia e a ética.

No âmbito internacional, é possível verificar a existência de iniciativas assemelhadas à proposta de Rumph et al. (2005), como os grupos de interesse especial voltados à sustentabilidade (Behaviorists for Sustainable Societies – BASS, e Behaviorists for Social Responsibility), da ABAI, e as propostas de análises de contingências em âmbito social como o Matrix Project (nd) e o Behavior System Analysis – BRFS, proposto por Mattaini (2013) (Seniuk, Cihon, Benson, & Luke, 2019).

No âmbito da ciência comportamental brasileira, uma excelente revisão da literatura analítico-comportamental aponta que somente 15,6% da produção apresenta temas de relevância social (Fink, 2014). Nesse contexto,

merecem destaque as publicações do Grupo de Estudos e Pesquisas em Delineamento Social (Gepedec), idealizado e coordenado por Kester Carrara. Fora do contexto de publicação acadêmica, é possível elencar algumas ações como: 1) a proposição de temáticas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento

Apesar do respaldo legal e da existência de políticas públicas específicas voltadas ao auxílio dos diferentes grupos vulneráveis, as estatísticas de desigualdade, violência e preconceito no Brasil são alarmantes.

Sustentável da ONU nos Encontros Anuais da ABPMC de 2015 a 2018 (Sustentabilidade, Justiça Social e Políticas Públicas); 2) a realização, em 2016 da primeira edição do Simpósio Psicologia e Sociedade, uma parceria do Paradigma com o Coletivo Discordiano, com temas de cunho social (feminismo, LGBTI, psicologia forense, questões raciais) sendo discutido com profissionais de outras abordagens psicológicas; e de sua segunda edição em 2017, abarcando temas como violência sexual, direitos da população indígena e promoção de saúde mental em escolas.

### **Grupo de trabalho em Direitos Humanos do Paradigma – centro de ciências e tecnologia do comportamento (GT-DiH)**

Sendo o Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento uma instituição sem fins lucrativos, os autores têm se perguntado qual seu papel no desenvolvimento tecnológico com aplicação voltada à demanda social e formação de alta qualidade científica no âmbito das ciências do comportamento. Percebendo que os diálogos que travavam entre si convergiam para ações e interesses em comum, viemos através desse texto delinear as primeiras frentes de atuação do Grupo de

Trabalho em Direitos Humanos do Paradigma (GT-DiH).

Qual o papel do Paradigma no desenvolvimento tecnológico com aplicação voltada à demanda social e formação de alta qualidade científica no âmbito das ciências do comportamento?

1. Produção de conhecimento no âmbito dos Direitos Humanos – Implementação de linhas de pesquisa aplicada no mestrado profissional do Paradigma (com os temas iniciais: estresse de minorias, direitos humanos, a psicologia das minorias na América Latina);
2. Continuação e ampliação dos Simpósios Psicologia e Sociedade;
3. Desenvolvimento de políticas de inclusão no contexto da Análise do Comportamento (o que inclui o desenvolvimento de processos relacionados à Inclusão de populações de minoria nas atividades realizadas pelo Paradigma);
4. Desenvolvimento de políticas de inclusão fora do contexto da Análise do Comportamento (Formas de manejo/enfrentamento por parte de políticas públicas, educacionais e de desenvolvimento de intervenção psicológica voltada ao enfrentamento dos efeitos psicológicos do estresse minoritário);
5. Organização de uma Comissão de captação de recursos para a adequada realização das ações supracitadas.

### Conclusão

Por fim, apresentamos à comunidade analítico-comportamental o recém-nascido GT-DiH. Que essas cinco frentes de trabalho represen-

tem apenas os primeiros passos de uma longa jornada que congregue colegas dispostos a pensar e repensar nossas práticas culturais em direção a práticas mais inclusivas e igualitárias. E que sigamos na busca de responder nossa própria pergunta, feita pelos dois últimos autores no contexto da crise de Covid-19:

Quais repertórios precisamos modelar para, no futuro, nos depararmos com uma comunidade mais inclusiva, respeitosa, menos julgadora e mais produtora de reforçadores positivos intrínsecos? (Dahás et al., 2020).

Sabemos que as respostas a essa questão dependem de ações coletivas e planejadas, envolvendo pessoas e instituições em um arranjo complexo de contingências. Aqueles que estiverem dispostos a contribuir nessa tarefa são convidados a fazer parte desse GT, contatando-nos por meio do e-mail [gtdih@paradigmaac.org](mailto:gtdih@paradigmaac.org). Ao entrar em contato, por favor, explicitar no título em qual das frentes de trabalho gostaria de atuar. Contamos com você!!

Como primeira tarefa da frente de trabalho de produção de conhecimento deste GT, estamos abrindo a chamada para um número especial de revista *Perspectivas em Análise do Comportamento*, cujo tema será “Análise do comportamento, estresse de minoria e direitos das populações socialmente vulneráveis: propostas de análise, desenvolvimento de tecnologias de intervenção e políticas públicas”.

O objetivo é dedicar espaço para estudos teóricos, filosóficos, históricos, tecnologias de intervenção e políticas públicas voltadas à inclusão e à viabilização de direitos para in-

divíduos pertencentes a grupos socialmente vulneráveis. O desenvolvimento de pesquisas (aplicadas, conceituais, filosóficas etc.) pode auxiliar para uma formação mais abrangente do analista do comportamento, com melhor preparo para acolher a demanda destas populações e auxiliar de forma mais efetiva para o acolhimento e a terapêutica do sofrimento psicológico produzido pelo estresse de minoria.

O número será coordenado pela Dra. Liane Dahás, Dra. Táhcita Mizael e Dr. Denis Zamignani e será composto por artigos submetidos ao processo editorial e também artigos de autores convidados. Submissões podem ser enviadas até o dia 30 de novembro de 2020 para o e-mail [direitoshumanos@revistaperspectivas.org](mailto:direitoshumanos@revistaperspectivas.org). ■

Ananda Pantet é psicóloga clínica formada pela PUC-SP e qualificada em Terapia Analítico-Comportamental pelo Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento. É cocriadora do Terapia Racial, projeto desenvolvido para suprir as demandas raciais, membro da RedeTAC (rede colaborativa interinstitucional para pesquisa e desenvolvimento das terapias analítico-comportamental) e do TACn1, que realiza pesquisas de processos e resultados terapêuticos. Além de ser facilitadora em grupos de apoio para portadores de TOC pela ASTOCST.

Liane Dahás é psicóloga clínica e experimental. Atua em consultório particular e no Paradigma como coordenadora, supervisora e professora do curso de “Qualificação Avançada em Clínica Analítico-Comportamental” e como professora do curso de “Aprimoramento em Orientação Parental e de Intervenção com crianças e adolescentes”. Doutora e mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA) e especialista em Psicologia Clínica Analítico-Comportamental (CESUPA). Realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Psicologia da USP (2013-2018). Atualmente, é coordenadora do DBT-Lab (Centro Paradigma) e coordena o Grupo de Trabalho de Enfrentamento ao Covid-19 da ABPMC (#JuntosABPMC).

Denis Zamignani é doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (2008); analista do comportamento acreditado pela Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Coordenador acadêmico do Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, onde é docente do Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada, além de supervisor e docente no Curso de Qualificação Avançada em Clínica Analítico-Comportamental. É coordenador do Laboratório de Estudos de Processo-Resultado em Terapia Analítico-Comportamental (TACn1) no Centro Paradigma.

## Referências

- Banaco, R. A. & Zamignani, D. R. (2019). El atendimento de las parejas homoafectivas y transgénero por la Psicoterapia Analítico-Conductual de Pareja. Em: Oswaldo M. Rodrigues Jr.; José Manuel González Rodríguez. *Manual Latinoamericano de Terapia de Pareja*. São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade/Barranquilla: Fundación José Manuel González.
- Benevides B. G. & Nogueira, S. N. B. (2020). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2005). Resolução CFP nº 010/2005. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP.
- Carmo, C. M. (2016). Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 64, 201-223.
- Chaves, L. G. M. (1977). Minorias e seu estudo no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, 1, 149-168.
- Dahás, L.J.S., Júnior, I., Z., D.D., Banaco, R.A., Pessoa, C. (2020). *Saúde mental e Responsabilidade Social – Um manifesto behaviorista*. Publicação de divulgação científica no Blog Boletim Contexto, realizado pela Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Retirado de <https://boletimcontexto.wordpress.com/2020/04/08/saude-mental-e-responsabilidade-social-um-manifesto-behaviorista/>
- Dentato, M. P. (2012). The Minority Perspective. *American Psychological Association*. Retirado de [https://www.apa.org/pi/aids/resources/exchange/2012/04/minority-stress#:~:text=The%20Meyer%20\(2003\)%20minority%20stress,impact%20on%20mental%20health%20outcomes](https://www.apa.org/pi/aids/resources/exchange/2012/04/minority-stress#:~:text=The%20Meyer%20(2003)%20minority%20stress,impact%20on%20mental%20health%20outcomes)
- Fink, J. D. (2014). *O Compromisso Social dos Analistas do Comportamento: Caracterização e exame de publicações em periódicos brasileiros da área*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Retirado de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16728/1/Julia%20DaHer%20Fink.pdf>
- Graham, H. (2009). Health inequalities, social determinants and public health policy. *Policy & Politics*, 37, 463-479.
- Green, B. L., Watkins, D. C., Guidry, J. J., Goodson, P., & Stanley, C. A. (2007). Using focus groups to explore the stressful life events of Black college men. *Journal of College Student Development*, 48, 105-118.
- Greer, T. M., & Brown, P. (2011). Minority status stress and coping processes among African American college students. *Journal of Diversity in Higher Education*, 4, 26-38.
- Hurst, C. S., Baranik, L. E., & Daniel, F. (2013). College student stressors: A review of the qualitative research. *Stress & Health: Journal of the International Society for the Investigation of Stress*, 29, 275-285.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea (2019). *Atlas da violência 2019*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Lawrenz, P., & Habigzang, L. F. (2019): Minority Stress, Parenting Styles, and Mental Health in Brazilian Homosexual Men. *Journal of Homosexuality*, 7, 1-16. doi: 10.1080/00918369.2018.1551665.
- Lima, J. D. (2020). Quais os impactos da pandemia sobre as mulheres. Retirado de <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/24/Quais-os-impactos-da-pandemia-sobre-as-mulheres>
- Lipp, M. E. N. (1984). Stress e suas implicações. *Estudos de Psicologia*, 1, 5-19.
- Matrix Project. (n.d.). Retirado de <https://docs.google.com/document/d/1e2GxIPF6gQhWmObK0tbcmVu5W8b0gTr6KsWe-0LDOWs/edit>.

Mattaini, M. A. (2013). *Strategic nonviolent power: The science of satyagraha*. Edmonton, Canada: AU Press.

Meyer, I.H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, 36, 38-56.

Meyer, I.H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674

Meyer, I.H., Schwartz, S., & Frost, D.M. (2008). Social patterning of stress and coping: Does disadvantaged social statuses confer more stress and fewer coping resources?. *Social Science & Medicine*, 67, 368-379.

Mourão, D. C., & Zamignani, D. R. (2018). *Direito ao nome, direito à vida*. Publicação de Divulgação Científica do Projeto ABPMC Comunidade, realizado pela Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Retirado de <http://abpmc.org.br/arquivos/textos/1529010793870adc62.pdf>

Organização das Nações Unidas. (2020). Retirado de <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>

Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Organização das Nações Unidas. (1996). *Declaração sobre os direitos de pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas*. Retirado de <https://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/Minorities.aspx>

Ramacciotti, B. L. (2019). A construção do conceito de minorias sua relevância para a formulação de po-

líticas públicas e direitos protetivos. In Ferraz, A. C. C., & Baptista, F. P. (Orgs.), *IV Congresso Internacional UNIFIEO: métodos do caso e direitos fundamentais: proteção das minorias e grupos vulneráveis na América Latina* (pp 62-67). Osasco: EDIFIEO.

Rocha, S. (2006). *Pobreza no Brasil: afinal de que se trata?* Rio de Janeiro: Editora FGV.

Rumph, R., Ninness, C., McCuller, G., & Ninness, S. K. (2005). Twenty Years Later, Commentary on Skinner's "Why We Are Not Acting To Save the World". *Behavior and Social Issues*, 14, 1-6.

Sederer, L. (2016). The social determinants of mental health. *Psychiatric Services*, 67, 234-235.

Seniuk, H. A., Cihon, T. M., Benson, M., & Luke, M. M. (2019). Making a Footprint in Environmental Sustainability: a behavioral system approach to engage the behavioral community. *Perspectives on Behavior Science*, 42, 911-926.

Skinner, B. F. (1972). *Walden Two: uma sociedade do futuro*. São Paulo: Editora Herder. (Trabalho original publicado em 1948.)

Skinner, B. F. (1978). *Reflections on Behaviorism and Society*. Englewood Cliffs: Prentice-hall.

Skinner, B.F. (1987). *Upon further reflection*. Englewood Cliffs: Prentice-hall.

Viana, N. (2016). O que são minorias? *Revista Posição*, 3(9), 27-32.

Wei, M., et al. (2010). Minority stress, perceived bicultural competence, and depressive symptoms among ethnic minority college students. *Journal of Counseling Psychology*, 57, 411-422.

# MESTRADO PROFISSIONAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

Mestrado *Stricto Sensu*  
recomendado pela Capes

## coordenação

Dr. Fernando A. Cassas (coordenador)

Dr. Candido V. B. B. Pessôa (vice-coordenador)

## público alvo

profissionais graduados em nível superior, em qualquer área do conhecimento, desde que seu tema de interesse seja o comportamento humano aplicado à sua área de formação e interesse.

## temas

desenvolvimento atípico, desenvolvimento sustentável, economia comportamental, educação, marketing, comportamento organizacional, processos grupais, psicologia ambiental, psicologia clínica, psicologia do esporte e atividade física, saúde, segurança no trabalho

## estrutura curricular

disciplinas obrigatórias: 9 créditos

disciplinas eletivas: 6 créditos

trabalho de conclusão de curso: 9 créditos

formação complementar obrigatória: 6 créditos

## duração

4 semestres

## início

fevereiro de 2021

## aulas

segundas-feiras, das 19h às 22h e

terças-feiras, das 17h às 22h

(\*) Curso PRESENCIAL podendo ser ONLINE enquanto e quando for necessário por motivos de saúde pública



centro  
**paradigma**

ciências do comportamento

paradigmaac.org | Rua Wanderley, 611

Perdizes - São Paulo/SP

Tel. 11 3672 0194 | CRP 06/5164-J

## inscrições e informações

Tel: (11) 3672-0194

[www.mestradoparadigma.org](http://www.mestradoparadigma.org)

facebook: /acparadigma

# Paradigma Entrevista

## Análise do Comportamento e ciência comportamental contextual em tempos de pandemia

Raul Manzione entrevista Giovambattista “Nanni” Presti:

Esta entrevista faz parte de uma das iniciativas do Paradigma em resposta à pandemia da COVID-19: o projeto de *lives* “Paradigma em Conexão”, uma forma de difundir conhecimento da análise do comportamento para um público mais amplo.

Conversamos com Giovambattista “Nanni” Presti. Nanni é médico pela Universidade de Catania, Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de Milão. Atua como psicoterapeuta e pesquisador. É Professor Associado de Psicologia na Universidade Kore de Enna. Nanni envolve-se desde a sua graduação, com a disseminação da análise do comportamento. É ex-Presidente da Association for Contextual Behavioral Science (ACBS). Membro fundador da Associação Europeia de Análise do Comportamento (IESCUM) e Presidente da Associação profissional italiana de Analistas do Comportamento (SIACSA). É ACBS Peer-Reviewed ACT Trainer e tem uma vasta experiência na aplicação da ACT (Terapia de Aceitação e Compromisso) com crianças e adolescentes, em contextos clínicos e não clínicos. Sua formação, enraizada na Análise do Comportamento e Análise do Comportamento Aplicada e grande parte de seu trabalho clínico e de pesquisa é também dedicado a crianças e adolescentes com TEA (Transtornos do Espectro Autista) e seus familiares. Seus inte-

resses de pesquisa atualmente incluem pesquisa básica e RFT (Teoria das Molduras Relacionais) para desenvolvimento de leitura e linguagem.

**Raul Manzione: Obrigado por nos conceder essa entrevista! Gostaria de começar pedindo para que falasse um pouco do seu trabalho, do seu contexto.**

**Giovambattista “Nanni” Presti:** Eu que agradeço! Estou muito feliz de poder estar aqui, de ter a chance de conversar com meus amigos do Brasil. Meu trabalho é, principalmente, dividido em duas grandes áreas: pesquisa básica e RFT para desenvolvimento de leitura e linguagem, além de trabalhar com ACT para o público infanto-juvenil.

**Raul: O que é Flexibilidade Psicológica?**

**Nanni:** Flexibilidade Psicológica é um construto similar à resiliência, embora não completamente justapostos. É sobre estar aberto às suas dificuldades internas que vêm de suas emoções e seus pensamentos e não ser parado por eles. Ser aberto a eles ajuda a continuar seguindo na direção de uma vida valorosa. Nestes tempos<sup>1</sup>, em que nos vemos estressados – eu mesmo estou em casa sem sair há quase 60 dias e longe da minha companheira há 75 dias, e sinto que há muito sofrimento psicológico ao redor das pessoas no momento –, tivemos de mudar muitos costumes rapidamente, como beijar as pessoas

ao cumprimentá-las, ou então pessoas impossibilitadas de ver seus entes queridos; há também a situação de profissionais de saúde que se isolam de suas próprias famílias. E é aí que a Flexibilidade Psicológica entra em jogo – você se abre a essas dificuldades como areia num copo d'água: lentamente o conteúdo se assenta e te abre a muitas oportunidades e ajuda na sua saúde mental. Flexibilidade Psicológica é sobre adaptação – a maneira que você flexivelmente se adapta às mudanças de circunstâncias.

**Raul: Soube que você tem desenvolvido trabalhos em relação à COVID-19, poderia falar um pouco a respeito?**

**Nanni:** Atualmente estou dando aulas à distância e desenvolvendo iniciativas para ajudar as pessoas: uma delas é coordenar 50 terapeutas ACT para auxílio psicológico de funcionários do Hospital Policlínico de Milão bem como de pacientes em tratamento para a COVID-19.

Nestes tempos em que nos vemos estressados, (...) há muito sofrimento psicológico. Tivemos de mudar costumes rapidamente, como beijar as pessoas ao cumprimentá-las, ou então ficamos impossibilitados de ver seus entes queridos entre outras mudanças bruscas. E é aí que a Flexibilidade Psicológica entra em jogo.

Também estamos fazendo pesquisas sobre saúde mental em médicos e na população geral. Desenvolvi também um *podcast* sobre flexibilidade psicológica chamado *Rádio Coronavir* (disponível no Spotify e Apple Music - <https://anchor.fm/nanni5>) para alcançar pessoas em casa. Estive trabalhando mais do que antes da pandemia! (risos)

**Raul: Como é essa pesquisa que você tem desenvolvido com profissionais da saúde?**

**Nanni:** Estamos investigando questões de saúde mental em aproximadamente 800 médicos

– metade deles apresenta problemas de sono, principalmente nos estágios mais tardios do sono, fazendo com que durmam menos que antes. E isso é um problema pois logo de manhã você já está estressado e indo para o trabalho. Temos de protegê-los.

**Raul: O que seria a Inflexibilidade Psicológica?**

**Nanni:** É, por exemplo, quando dizemos que *precisamos* fazer algo quando sentimos uma pressão; quando estamos tão rígidos a respeito de nossos estados internos (pensamentos, sentimentos, emoções) e buscamos lutar com eles de uma maneira que não é saudável. A tentativa de controlar seus eventos privados, paradoxalmente, nos direciona num caminho oposto a uma vida valorosa, uma vida de sofrimento. Nestes tempos em que vivemos, temos notado um aumento do consumo de álcool e outras drogas justamente pelo aumento de estressores. As pessoas têm gritado umas com as

outras mais que o comum, e olha que sou italiano! A nossa mente cria regras e tendemos a segui-las rigidamente – eu tenho um amigo que têm ido para seu escritório na universidade para estudar pois ele diz que é inca-

paz de estudar em casa... E na verdade ele pode estudar em qualquer lugar. Isto é inflexibilidade psicológica: você pode estudar em qualquer lugar mas se vê infeliz pois se compara a uma versão ideal sua (a que antes conseguia estudar e agora não consegue); compara a sua situação atual com uma situação idealizada na qual você quer retornar para esta última situação. Sente que sua vida foi roubada. Esse meu amigo é um sujeito brilhante e simplesmente não consegue desfrutar do que gosta mais, estudar Física, em sua própria casa. Este é o “lado sombrio” da lin-

guagem. Existe muito sofrimento, e podemos nos perder nele, tal qual brigar com areia mo-vedia: quanto mais luta, mais afunda.

**Raul: Esse tipo de sofrimento parece bastante reservado à espécie humana – como explicar isso?**

**Nanni:** É, por excelência, humano. Somos “amarrados” à nossa linguagem, seja encoberta ou externa. Seres humanos são os únicos que podem falar, que podem relatar tristeza e dor. Qualquer animal pode experimentar tristeza e dor e podem evitar lugares em que passaram por esses sofrimentos – um cachorro pode ser atropelado e sofrer muito e assim evitar as mesmas circunstâncias, mas não consegue falar para seus filhotes: “Ei, cuidado com aquele lugar pois lá é ruim”. Nós podemos fazer isso, de geração a geração. Por um lado, é uma dádi-

va pois podemos transmitir práticas que garantem nossa sobrevivência mas, ao mesmo tempo, a mesma dádiva pode ser fonte de sofrimento. Conseguimos lembrar de situações em que nos sentimos mal de anos atrás – isso pode ser útil se nos ajuda a nos tornarmos pessoas melhores, mas pode ser ruim se ficamos presos à esta história. No momento em que eu comparo ao meu eu de agora com um eu-conceitual, sofrimento pode ser gerado a partir daí: “Eu não sou a pessoa que eu gostaria de ser”.

**Raul: Como podemos agir de acordo com nossos valores e exercitar Flexibilidade Psicológica?**

**Nanni:** É exatamente o foco da ACT. Eu trabalho bastante com crianças com TEA e observo isso quando começam a aprender a falar. Por exemplo, um deles já disse: “Eu não quero ir pro meu quarto”, e eu perguntei: “Por quê?”, e ele: “Porque o homem de preto vai estar lá”. Mas, no caso desse garoto, não tem nenhum

homem de preto nem nenhum perigo (risos). Não houve nenhum aprendizado Pavloviano ou Skinneriano que tenha produzido essa sensação de perigo ou de medo em relação ao quarto dele. É outro tipo de aprendizado. Ao mesmo tempo que aprendemos essas relações, podemos aprender a reagir diferentemente a elas também. A ACT ensina como ler de maneira diferente esses sinais ou, em outras palavras, aprender uma discriminação: tem uma luz que acende e ao invés de ir em oposição a seus valores, a luz pode dizer: “Ei! Existem reforçadores para aquele outro lado”. Então você pode escolher: ao invés de escolher um reforçador negativo (esquiva), pode escolher um reforçador apetitivo e é aí que os valores entram em nossas vidas. E isso tudo tem muito

Valores dizem respeito sobre o que é apetitivo em nossas vidas. Por exemplo, mesmo com as dificuldades de conexão na nossa conversa, (na live) posso escolher me comportar de acordo com meus valores. Eu posso escolher entre reclamar que a conexão está oscilando e sofrer por isso ou posso reconhecer essa dificuldade e me dar um tempo, esperar estabilizar e me concentrar em estar aqui com você pois valorizo muito este momento.

a ver com este momento. Valores dizem respeito sobre o que é apetitivo em nossas vidas. Por exemplo, mesmo com as dificuldades de conexão na nossa conversa, posso escolher me comportar de acordo com meus valores. Eu posso escolher entre reclamar que a conexão está oscilando e sofrer por isso ou posso reconhecer essa dificuldade e me dar um tempo, esperar estabilizar e me concentrar em estar aqui com você pois valorizo muito este momento. Posso estar aqui irritado com a conexão e escolher continuar estar aqui com você.

**Raul: Como podemos acessar ou criar reforçadores em contextos de privação destes?**

**Nanni:** Reforçadores podem ser criados ou aumentados pelos valores. Você pode reforçar verbalmente uma atividade ou estabelecer uma operação motivadora verbalmente e isso pode mudar por completo uma perspectiva sobre um contexto.

**Raul:** Teria algum conselho sobre como podemos lidar com a pandemia, pensando que estamos atrás da Itália em relação ao número de casos?<sup>2</sup>

**Nanni:** A emergência é real. O que tenho presenciado falando com médicos, administradores de hospitais e enfermeiros é de que é traumático. Temos presenciado muitas dores então, infelizmente, isso é o que é esperado. Há muita dor e sofrimento para se presenciar. Não é fácil pois as pessoas tendem a quebrar as regras. Estamos confinados em lugares fechados, muito sofrimento nas casas, um aumento de problemas de saúde mental e pessoas com problemas de saúde mental com quadros agravados. E há muito sofrimento para nós [profissionais de saúde mental] também. É difícil se conectar com as pessoas. O que tem ajudado é encontrar um propósito no que fazemos – ajuda muito. Pensar nos próprios valores. A COVID-19 pode nos tirar muitas coisas, mas não a liberdade de escolhermos a pessoa que queremos ser em dada situação; escolher segundo a segundo quem eu quero ser naquele momento – não significa que vai ser perfeito, significa que quando você vai para o lado da frustração, da raiva, é possível se perguntar: “Quem eu quero ser neste momento e como posso lidar da melhor forma com o que sinto?”

**Raul:** Posso dizer, pessoalmente, que é bom ouvir isso. É difícil exercitar esses comportamentos – tendemos a pensar em valores e objetivos como algo no mundo fora de casa e não podemos sair de casa agora. Achei muito útil o questionamento: “Quem eu posso ser exatamente agora?”

**Nanni:** Sim, temos de praticar a criação de um espaço para quebrar o piloto automático e escolher o que queremos ser. Acho um momento importante para pensarmos em comportamentos prosociais<sup>3</sup>, cada ação por menor que seja importa. Fazer ligações, enviar um presente para alguém, ensinar as outras pessoas a usarem máscaras de maneira apropriada, lavar suas mãos periodicamente, etc.

**Raul:** Muito obrigado novamente por este momento. Algo mais que queira adicionar?

**Nanni:** Meu primeiro voo será para o Brasil, mal posso esperar para estar aí entre vocês do Paradigma novamente e abraçá-los! Adorei estar aqui, muito obrigado! ■

1 Em 06 de Maio, data da entrevista, a Itália já estava há dois meses em *lockdown* (confinamento obrigatório, com movimento da população nacional restrito para circunstâncias excepcionais)

2 Na data da entrevista, 06/05/2020, o Brasil estava atrás no número de casos em relação à Itália.

3 N.E.: Mais sobre esse tema no artigo “A vacina comportamental” nesse Boletim

**Raul Manzione** Graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015), Qualificação Avançada em Clínica Analítico Comportamental (2018) e Mestrando em Análise do Comportamento Aplicada pelo Centro Paradigma, onde atua como terapeuta, pesquisador e professor. Membro da Association for Contextual Behavioral Science (ACBS), integrando o pilar estratégico de Competência e Disseminação da associação (período 2019-2022). Foi membro da Diretoria da ACBS Brasil para a gestão de 2018-2019. Tem experiência na área de Psicologia Clínica atuando nos temas: Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), Teoria das Molduras Relacionais (RFT) aplicada à clínica.

# FORMAÇÃO EM GESTÃO COMPORTAMENTAL DE ORGANIZAÇÕES (OBM) curso presencial e online\*

## coordenação

PROF. DR. CANDIDO V. B. B. PESSÔA  
PROF. MS. GABRIEL CARELI

## público-alvo

Profissionais formados em qualquer área do conhecimento que atuem na gestão de pessoas e processos e estudantes do último ano de curso superior.

## período

de fevereiro a julho de 2021

17 encontros semanais distribuídos em 1 semestre

## objetivos

Apresentar os conceitos e ferramentas propostos pela Organizational Behavior Management (OBM). Capacitar os participantes do curso a (1) analisar organizações, processos e tarefas e (2) elaborar e implementar estratégias comportamentais que visem a melhora de desempenho em organizações.

## dia e horário

quartas-feiras das 19h às 22h

Aulas teóricas e supervisão

As aulas poderão ser assistidas pelos alunos on-line, durante o horário das aulas

## informações

<https://www.paradigmaac.org/formacao-em-gestao-comportamental>

\*a abertura de aulas presenciais está condicionada a avaliação da situação da pandemia



centro  
**paradigma**  
ciências do comportamento

paradigmaac.org | Rua Wanderley, 611  
Perdizes São Paulo/SP  
Tel. 11 3672 0194 | CRP 06/5164-J

# Na estante

## Orientações Técnicas do Grupo de Trabalho (GT) SBP COVID-19

Liane Dahas

A pandemia de Covid-19 que tem assolado o país e o mundo nos últimos meses foi o contexto no qual a Sociedade Brasileira de Psicologia criou o Grupo de Trabalho (GT) de enfrentamento ao Covid-19 da SBP. O grupo é composto por sete renomados profissionais da psicologia brasileira que têm se dedicado com presteza e afinco a produção e divulgação de materiais de caráter

O uso do material por profissionais das diferentes áreas de atuação da psicologia pode propiciar a prestação de serviços psicológicos adequados técnico e eticamente aos desafios que nossa sociedade está enfrentando.

propositivo com vistas a fornecer ferramentas de reflexão cientificamente embasadas para gerenciamento de situações inesperadas advindas do atual panorama.

O uso do material por profissionais das diferentes áreas de atuação da psicologia pode propiciar a prestação de serviços psicológicos adequados técnico e eticamente aos desafios que nossa sociedade está enfrentando. Os textos, denominados pelo GT de Tópicos, não se dispõem a oferecer resoluções imediatas a problemas específicos, evitando prescrições diretas de classes de comportamento obviamente saudá-

veis em qualquer contexto social, porém ainda mais obviamente difíceis de serem instalados no repertório individual em plena pandemia.

Os Tópicos estruturam-se em quatro eixos principais: o primeiro, CONTEXTO, descreve os antecedentes mais típicos dos desafios apontados no tema-título do tópico. O segundo, CONCEITOS-CHAVE, elenca e operacionaliza as classes de palavras mais utilizadas ao se abordar o tema-título; o terceiro eixo, CONHEÇA ALTERNATIVAS, aponta a literatura da qual o psicólogo deve se apropriar para garantir uma prática

baseada em evidência e adequada ao contexto da pandemia; por último, o eixo quatro, ACOMPANHE, sugere que o profissional se mantenha avaliando constantemente as consequências de suas práticas, tendo-se em vista que embora o terceiro eixo nos direcione para uma “boa prática”, a situação de crise apresenta surpresas a todas as áreas de atuação científica e, portanto, não há respostas prontas, protocolos exatos e nem planos infalíveis.

A estrutura dos Tópicos foi baseada na sequência proposta para intervenção breve antitabagista de Fiori et al. (2008), cuja uniformidade

Tópico 1: Orientações Técnicas	Contexto	Conceitos-chave	Alternativas	Acompanhe
Tópico 2: Estresse em profissionais da saúde	Longas horas de trabalho, contato constante com pessoas doentes e com a morte, acentuam o desgaste físico e emocional dos profissionais.	Estressores e estresse.	Manejo de estresse pelo indivíduo e pelas instituições de saúde; e, psicoeducação.	Atente para a possível necessidade de que o primeiro contato, talvez único, possa necessitar de um fechamento.
Tópico 3: Desespero, desamparo e desesperança em profissionais da saúde	Desorganização e incapacidade para lidar com a realidade; risco de contaminação constante e medo de contaminar familiares e outros.	Medo, ideação suicida, desespero, desamparo e outros.	Escuta ativa e psicoeducação; abordar: desespero, desamparo e medos; focar na esperança e estratégias para resolução de problemas; e avaliar a ideação suicida.	Em caso de ideação suicida: PAP (primeiros auxílios psicológicos), contudo, acredita-se que nem todos os profissionais precisarão de atendimento.
Tópico 4: Estigmatização de profissionais da saúde	Uso constante de EPIs, proximidade com pessoas contaminadas, realização de atividades de alto risco e vivência de hostilidade fora do hospital.	Estigma interno e externo.	Informação e conscientização sobre o Covid-19; manejo do próprio medo e ansiedade; psicoeducação; zelo pelo código de ética (sigilo e confidencialidade); e, não reprodução de estigmas e estereótipos.	Combater os preconceitos e estigmas; dificuldade para mensuração de redução no curto prazo.
Tópico 5: Exercício profissional (on-line e presencial)	Dúvidas quanto aos atendimentos presenciais: uso de EPIs; percepção dos pacientes no contexto on-line.	Isolamento, quarentena, emergência, urgência, urgência sentida, atendimento psicológico e atendimento on-line.	(On-line) acordos necessários, cuidado com privacidade, organização prévia, segurança da informação, registro documental, entre outros.	Medidas de proteção: conhecer e respeitar plano de contingência, atualização diária, higiene, etiqueta respiratória, distância física, monitorar sintomas e sinais de alerta, carga e ritmo de trabalho, etc.
Tópico 6: Luto	As perdas, o isolamento social, o número de mortes crescentes, os enterros sem testes para Covid-19, a impossibilidade de realização de rituais fúnebres, o luto sequencial e outras características devem ser considerados.	As reações físicas e emocionais do luto.	Foco na perda e na recuperação.	Entre 10% e 20% dos enlutados, com menos resiliência, pouco suporte social, financeiro e afetivo, podem apresentar complicações no luto.
Tópico 7: Conflitos na família	Família exposta ao estresse prolongado com sentimento de incapacidade para resolver problemas, manejar conflitos e decidir.	Conflito, manejo de conflito; reações físicas e emocionais apresentadas por famílias em isolamento.	Estratégias de resolução de conflitos.	Fortalecimento das relações, resolução de problemas, desfazer ressentimentos, ter clareza de prioridade, expressão assertiva de emoções e outros.

<b>Tópico 8:</b> Alterações de sono	Alteração do sono pela quebra da rotina (interrupção da vida diária) e irregularidade nos horários de dormir e acordar.	Alterações de sono, distúrbios do sono e insônia.	Manejo para a população com alterações e distúrbios; cuidados com a higiene do sono para a população em geral.	Considerar sua própria higiene do sono como outra recomendação para ajudar seu cliente (população e/ou profissional de saúde) a se manter protegido.
<b>Tópico 9:</b> Pais de crianças (até 11 anos)	Crianças com saudades e medo da doença; dificuldade de compreender o momento; irritação por ficar em casa; maior demanda de atenção e paciência dos adultos.	Problemas internalizantes e externalizantes; e, bem-estar subjetivo dos pais.	Lidar com dúvidas, preocupações, medos e tristeza da criança; lidar com o tédio, a desobediência, a irritabilidade, etc.	Buscar informações atualizadas e preparar para atender novas demandas de pais e crianças com sensibilidade, agilidade, etc.
<b>Tópico 10:</b> Violência contra a mulher	Aumento de tempo em casa, maior quantidade de conflitos intrafamiliares e violência contra mulher.	Violência contra a mulher, violência física, violência sexual, violência psicológica, violência moral, violência patrimonial e ciclos de violência.	Psicoeducação, mapeamento e trabalho em rede.	Construção de práticas educativas que permitam à mulher reconhecer a violência, mesmo que esteja naturalizada.

e clareza garantem o caráter objetivo das orientações apresentadas nos breves textos. Tendo-se em vista a qualidade excepcional do material, o GT de Enfrentamento ao Covid-19 da ABPMC (que conta com a autora da presente resenha em seu quadro), está atuando em sua divulgação. A análise completa de cada eixo dos 10 Tópicos já publicados pela SBP, instituição parceira da ABPMC, consta na Tabela 1. Espera-se que a leitura desta aguce a curiosidade dos leitores em apreciar o material na íntegra, que pode ser acessado gratuitamente em: <<https://www.sbponline.org.br/enfrentamento-covid19>>. ■

**Liane Dahás** é psicóloga clínica e experimental. Atua em consultório particular e no Centro Paradigma como coordenadora, supervisora e professora do curso de “Qualificação Avançada em Clínica Analítico Comportamental” e como professora do curso de “Aprimoramento em Orientação Parental e de Intervenção com crianças e adolescentes”. Doutora e Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA) e Especialista em Psicologia Clínica Analítico-Comportamental (Cesupa). Realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Psicologia da USP (2013-2018). Atualmente, é coordenadora do DBT-Lab (Centro Paradigma) e coordena o Grupo de Trabalho de Enfrentamento ao Covid da ABPMC (#JuntosABPMC).

# APRIMORAMENTO EM CLÍNICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL: ORIENTAÇÃO PARENTAL E INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Uma parceria entre o Paradigma e a Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência da UNIFESP

coordenação

**ANA BEATRIZ CHAMATI  
CLARISSA MOREIRA PEREIRA**

início

fevereiro de 2021

público-alvo

Psicólogos, psiquiatras,  
profissionais da área da saúde

Possibilidade de atendimento/estágio  
na UPIA/Unifesp  
vagas limitadas, mais informações no site

**carga horaria**

40 a 60 horas de supervisão clínica  
100 horas de aula teórica

**horários**

**Quinzenalmente às sextas feiras**

**Supervisão:**

das 10h às 12h ou 13h - a depender  
do número de alunos inscritos

**Teórico:**

das 14h às 19h

[https://www.paradigmaac.org/  
aprimoramento-parental-completo](https://www.paradigmaac.org/aprimoramento-parental-completo)

# Análise do Comportamento Aplicada a questões da infância

Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto

Ana Flavia Teixeira, Inajara Simões Santos, Viviane Alessandra Arakaki, Clarissa Moreira Pereira, Ana Beatriz Chamati

“Luto” refere-se a perdas significativas e o processo vivido a partir de então, que pode variar desde uma interrupção ou mudança abrupta no padrão das relações cotidianas – o início da quarentena, o término de um relacionamento, uma mudança de cidade ou de país e o nascimento de um irmão – até a morte de um ente querido. Essa perda significativa implica na ruptura de contingências de reforçamento antes em voga, a extinção operante (Brasted & Callahan, 1984).

A dor, hoje em dia, não costuma ser um dos assuntos mais apreciados nas sociedades ocidentais, sendo as mídias grandes exemplos

No caso das crianças, a forma como o luto irá se manifestar dependerá do seu repertório comportamental

da supervalorização do prazer e do sucesso. No Brasil, em pesquisa encomendada em 2018 pelo Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (Sincep), 74% da amostra afirma não falar sobre a morte no cotidiano e associa a morte a sentimentos difíceis como tristeza, dor, saudade, sofrimento e medo, e não se sente preparada para falar sobre o assunto.

Há, portanto, uma tendência dos brasileiros em evitarem o tema da morte. Essa condição de esquivas diante da morte traz modelos de enfrentamento pouco saudáveis para as crianças na tentativa de poupá-las de sofrerem.

Esquece-se que, por mais elaboradas que sejam as tentativas de evitar que a criança entre em contato com a temática da morte e do luto, ela está presente diariamente nas suas vivências. Seja por meio de personagens que morrem nos contos de fada, nas histórias em quadrinhos, livros, jogos, filmes e desenhos infantis, ou concretamente por uma mudança de casa, de escola, perda de um brinquedo, morte de um animal de

estimação ou de um parente/ colega. Nessas situações, os cuidadores, muitas vezes, optam por explicações vagas

como “agora está descansando”, “virou uma estrela”, atribuindo à passagem do tempo a tarefa de mitigar as inquietações infantis. Mais uma vez, a esquivas do contato com possíveis estímulos aversivos parece ser a única estratégia para lidar com o sofrimento.

No caso das crianças, a forma como o luto irá se manifestar dependerá do seu repertório

comportamental. O processo de extinção vivido no luto é similar ao dos adultos, portanto para ajudá-las é preciso analisar quais reforçadores importantes foram perdidos e qual o repertório da criança naquele momento, tanto para avaliar sua compreensão do que ocorreu quanto para ajudá-la no que for necessário na busca de reforçadores e contextos antecedentes alternativos.

Diversas teorias do desenvolvimento baseadas em estágios buscam segmentar a compreensão da morte para as crianças em faixas etárias. Corr (2010) ressalta que essas teorias são importantes para a compreensão do processo de luto, mas que a idade cronológica é um indicador não refinado de desenvolvimento. O autor fala sobre dois componentes centrais para a compreensão do conceito de morte: finalidade e universalidade. Finalidade inclui a compreensão de irreversibilidade (uma vez que um corpo físico morre, ele não poderá voltar a vida) e não funcionalidade (se a morte é realmente o fim, ela significa a interrupção de todas as capacidades funcionais definidas como vida). A universalidade revela aspectos mais complexos e traz outros três conceitos importantes: inclusão (a morte se aplica a todos os grupos de seres vivos), inevitabilidade (a morte é inevitável e inescapável para todos os seres vivos) e imprevisibilidade (pode ocorrer a qualquer momento, não há como prever). Percebe-se, portanto, que a morte tem muitas dimensões e implicações que são de difícil compreensão para as crianças e dificilmente elas irão assimilar tudo de uma só vez.

Os efeitos do luto nas crianças podem apresentar topografias muito diferentes dos adultos e, segundo Krupnick (1984), elas podem manifestar as consequências do luto de forma intermitente, mesmo por muitos anos após a perda

e, em muitas situações, algumas reações podem ser revividas, o que acentua a importância do papel da família e outros adultos próximos para acompanhar o desenvolvimento das crianças após vivenciarem tal experiência. É possível observar as crianças tristes, irritadas e temerosas, apresentando comportamentos como perturbações do sono e apetite, distanciamento das pessoas, dificuldade na concentração, regressão no desenvolvimento, inquietude e dificuldades de aprendizagem.

Um dos fatores a ser observado no processo de luto infantil é a capacidade verbal das crianças. Muitas vezes, por não terem desenvolvido por completo as habilidades de comunicação verbal, as crianças irão apresentar dificuldade de expressar os sentimentos a partir da fala e

Os efeitos do luto nas crianças podem apresentar topografias muito diferentes dos adultos .

encontrarão maior facilidade em se expressar corporalmente e por brincadeiras. É importante ressaltar que, diferentemente dos adultos que transitam com frequência entre passado e futuro, a criança vivencia muito mais o agora, demandando um olhar cuidadoso mais imediato durante o processo de luto e ao longo de sua vida.

Worden (2009) propõe que a adaptação às perdas pode envolver quatro tarefas básicas e complementares, que poderão ser vivenciadas de diferentes formas: aceitar a realidade da perda; processar a dor do luto; ajustar-se ao mundo sem a pessoa que se foi; e encontrar uma conexão com a pessoa que se foi, embarcando numa nova vida.

A tarefa de aceitar a realidade da perda demanda que haja uma compreensão da realidade de que a pessoa que morreu não irá retornar. É importante auxiliar as crianças a compreen-

derem a irreversibilidade da morte. Apesar de demandar tempo, rituais tradicionais como o funeral podem auxiliar. É importante que o adulto explique de forma clara e direta o que ocorreu com a pessoa que morreu, pontuando que esta não irá retornar e oferecendo espaço para escuta e acolhimento, de forma a permitir a vivência dos sentimentos dolorosos relacionados à perda.

Para cumprir a tarefa de processar a dor do luto, é fundamental que o enlutado tenha uma rede de suporte ou acompanhamento psicológico, uma vez que é convidado a vivenciar a dor e se permitir sentir, bloqueando possíveis comportamentos de esquiva. Nesse momento, são descobertos novos sentimentos vivenciados no luto além da tristeza, como ansiedade, raiva, culpa, depressão e solidão. Moore e Moore (2010) ressaltam que no trabalho com crianças enlutadas deve-se evitar pedir para que as crianças sejam fortes, e sim permitir que sejam reais, dando a elas um espaço de honestidade e carinho para que expressem seus sentimentos.

A terceira etapa – ajustar-se a um mundo sem a pessoa que morreu – se refere primeiramente aos ajustes práticos necessários para viver sem a pessoa que se foi. Para as crianças,

Para Koehler (2010), as crianças não precisam ser diretamente ensinadas a lidar com o luto, mas necessitam de adultos modelando, dando suporte, validando, encorajando e ajudando-as a acessar suas emoções

é fundamental a compreensão dessa etapa de forma a prepará-las para os desafios possíveis de uma vida sem essa pessoa. Na perda de um dos principais cuidadores, por exemplo, quem irá fazer o que aquela pessoa fazia, quais habilidades a criança precisará desenvolver para fazer algo sozinha, etc. Olhar para essas questões junto às crianças as traz para a realidade

presente, evitando que criem fantasias e histórias para explicar o que parece não ter resposta.

A quarta tarefa se refere a encontrar uma conexão com a pessoa que se foi e com isso embarcar numa nova vida. Para esse processo ocorrer de forma saudável, o enlutado precisa encontrar formas de homenagear e lembrar a pessoa que se foi, celebrando quem se foi e desenvolvendo uma forma pessoal e significativa de declarar o afeto e se lembrar da pessoa, por exemplo, usando objetos que lembrem a pessoa, fotografias, desenhos ou lembranças. É possível propor que a criança imagine o que gostaria de dizer para o falecido, ou escreva uma carta ou cartão no aniversário da pessoa, como maneiras de recordar a relação que tinham.

Worden (2009) resalta que essas quatro tarefas não devem ser vistas como processos fixos e divididos em estágios. Elas são divididas assim para facilitar a compreensão e devem ser trabalhadas, na maioria das vezes, ao mesmo tempo e revisitadas sempre que necessário.

Vê-se, portanto, que todo o processo de luto infantil demanda pelo menos um adulto que possa ser suporte e guia para a criança, buscando um equilíbrio entre proteger e incluir, informar e criar uma

nova vida (Bugge et al, 2014). Para Koehler (2010),

as crianças não precisam ser diretamente ensinadas a lidar com o luto, mas neces-

sitam de adultos modelando, dando suporte, validando, encorajando e ajudando-as a acessar suas emoções. Além disso, quando os pais ou outros cuidadores se mostram capazes de expressar o próprio luto na presença da criança e explicar para ela essas emoções, eles se tornam um modelo e contribuem para o seu desenvolvimento.

Infelizmente, ainda nota-se que não há um trabalho efetivo sendo realizado para ajudar as crianças a passar pelas experiências de perdas e luto. Em nome da crença de que não entrar em contato com o tema protege as crianças, guarda-se delas informações e nega-se a oportunidade de que vivenciem as dores. Fiorini e Muller (2006) ressaltam a importância do papel dos psicólogos em dar assistência aos pais e outros adultos em relação à compreensão das formas que o luto e perdas se manifestam nas crianças e adolescentes, ajudando-os a promover conforto e suporte e munindo-os de possíveis estratégias que irão permitir que vivenciem os sentimentos de luto.

Moore e Moore (2010) ressaltam também a importância de falar com as crianças sobre morte antes de precisarem vivenciar o fato. Não existe um programa educacional de prevenção, e Markell (2010) coloca que seria um papel também das escolas endereçar questões sobre morte, luto e perdas, uma vez que têm um impacto considerável na vida das crianças. Por compreender o luto e a morte enquanto processos inerentes à nossa espécie, enfatiza-se a importância de falar sobre eles desde a infância, bem como encorajar as crianças a falarem de seus sentimentos ao longo da vida.

Para auxiliar a mediação dos adultos nesse processo, há uma variedade de material infantil (livros de colorir, livros de literatura e vídeos, alguns colocados nas referências do presente artigo, para quem se interessar) que possibilita diálogos sobre temas que podem ser de difícil compreensão e que podem ser discutidos abertamente, auxiliando as crianças a lidarem com a temática do luto e da morte. ■

**Ana Beatriz Chamati** é psicóloga clínica, especialista e mestre em psicologia experimental. É coordenadora do curso “Formação em desenvolvimento humano: infância e adolescência” no Ipq-HC-FMUSP e do curso “Aprimoramento em clínica analítico-comportamental: orientação parental e intervenção com crianças e adolescentes” no Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. Em 2016 atuou no Early Years & Counselling na escola mais verde do mundo, Green School, Bali - Indonésia. É membro associado do Centro Paradigma. É autora do livro infantil “Abra a Caixa”.

**Clarissa Moreira Pereira** possui graduação em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006), especialização em Psicologia Comportamental e Cognitiva pela USP (2007), mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC-SP (2009) e doutorado em Psicologia Experimental pela USP (2015). É coordenadora, professora e supervisora no curso de aprimoramento em Orientação Parental e Intervenção com Crianças e Adolescentes, no Paradigma: Centro de Ciências do Comportamento. Atende adolescentes e crianças com orientação parental e adultos em terapia analítico-comportamental.

**Viviane Alessandra Arakaki** é graduada em Psicologia pela UNESP – Bauru (intercâmbio de um ano na Universidade do Porto – Portugal) e tem especialização em Psicopedagogia pela PUC São Paulo. Tem aprimoramento em Orientação Parental e Intervenção com Crianças e Adolescentes no Paradigma e atualmente é monitora do mesmo na parte teórica. Participa do Programa de Atenção à Primeira Infância (PAPI/Unifesp) e é responsável pela área de psicologia na UPIA (Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência /Unifesp). Possui experiência na área escolar e orientação profissional de jovens do ensino médio. Atua em consultório particular com atendimento de crianças, adolescentes e adultos.

**Ana Flávia de Carvalho Lima Teixeira** é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR) e especialista em Psicoterapia Comportamental e Análise do Comportamento

pela mesma instituição. Tem aprimoramento em Orientação Parental e Intervenção com Crianças e Adolescentes no Paradigma e é monitora do mesmo na parte teórica. Atualmente em formação em Desenvolvimento Humano: infância e adolescência pelo Ipq-USP. Responsável pela área de psicologia na UPIA (Unidade de Psiquiatria da Infância e Adolescência/UNIFESP). Atua como psicóloga clínica de adultos, crianças, adolescentes e realiza orientação parental e orientação profissional em consultório particular.

**Inajara Simões da Cruz Santos** é graduada em psicologia e especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Centro Paradigma e em Psicopedagogia. Tem aprimoramento em Orientação Parental e Intervenção com Crianças e Adolescentes e atualmente atua como monitora da parte teórica e prática do curso. Possui experiência na área escolar como Orientadora Educacional na educação bilíngue e atualmente atua em consultório particular com atendimento de crianças, adolescentes, orientação profissional e orientação parental em consultório particular.

## Referências

Alvim, M. (2018). *Solidão no luto: pesquisa inédita mostra dificuldades dos brasileiros para lidar com a morte*. BBC, São Paulo. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45596113#:~:text=Encomendado%20pelo%20Sindicato%20dos%20Cemit%C3%A9rios,o%20fim%20da%20pr%C3%B3pria%20vida>.

Bugge, K., Darbyshire, P., Rokholt, E., Haugstvedt, K. T. S. & Helseth, S. (2014). Young children's grief: parents' understanding and coping. *Death studies*, (38), 36-43. DOI: 10.1080/07481187.2012.718037.

Brasted, W. S., & Callahan, E. J. (1984). A behavioral analysis of the grief process. *Behavioral Therapy*, 15(5), 529-243.

Corr, C. A. (2010). Children, development, and encounters with death, bereavement, and coping. In Corr C. A. & Balk D. E. (Eds.). *Children, Development, and Encounters With Death, Bereavement, And Coping*, 3-19. New York, USA: Springer Publish Company.

Koehler, K. (2010). Helping families help bereaved children In Corr, C. A. & Balk D. E. (Eds.). *Children, Development, and Encounters With Death, Bereavement, and Coping*. (pp. 311-336). New York, USA: Springer Publish Company.

Kruppnick, J. L. (1984). Bereavement During Childhood and Adolescence. In Osterweis, M., Solomon, F. & Green M. *Bereavement: reactions, consequences, and care*, 99-141. Washington DC, USA: National Academy Press.

Markwell, K. A. (2010). Educating children about death-related issues. In Corr, C. A. & Balk, D. E. (Eds.). *Children, Development, and Encounters With Death, Bereavement, and Coping*, 293-310. New York, USA: Springer Publish Company.

Moore, J., III Moore, C. (2010). Talking to children about death-related issues. In Corr, C. A. & Balk, D. E. (Eds.). *Children, Development, and Encounters With Death, Bereavement, and Coping*, 277-291. New York, USA: Springer Publish Company.

Mullen, J. & Fiorini, J. (2006). Understanding grief and loss in children. [Versão Eletrônica]. Vistas online. Article 7. American Counseling Association. 2006. Recuperado de <https://www.counseling.org/knowledge-center/vistas/by-subject2/vistas-crisis/docs/default-source/vistas/understanding-grief-and-loss-in-children>

Torres, N. (2010). Luto: a dor que se perde (ou não se perde) (Cap. 34). *Sobre Comportamento e Cognição*. Santo André: ESETEC, Editores associados.

Worden, J. W. (2009). *Grief counseling and grief therapy a handbook for the mental health practitioner* (4a Ed.). New York, USA: Springer Publish Company.

## Recomendação de material

Ads Cinema (2018). *Alike*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=33vZGW7WH9Q>.

Buscaglia, L. (1982). *A história de uma folha*. 9a. ed. Rio de Janeiro: Record.

Brasil, A. (2018). *O pato, a morte e a tulipa*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=uD7Ld1Gifn8>.

Carvalho, R. & Vilarinho T. *A grande roda*. Paraná: Editora Matrescência

Corr, C. A. (2010). *Children, development, and encounters with death, bereavement, and coping*.

Elrhubuck, W. (2009). *O pato, a morte e a tulipa*. São Paulo: Cosac Naify.

Frazer, B. (2012). *A casa de pequenos cubinhos*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js>.

Fraveau, J., Gilchrist, K. & Silver, J. (Produtores) & Fraveau, J. (Diretor). (1994). *O Rei Leão* [Filme]. Estados Unidos: Walt Disney Pictures.

Jeffers O. (2010) *O coração e a garrafa*. São Paulo: Editora Moderna Ltda.

Lasseeter, J. (Produtor) & Stanton, A. (Diretor). (2003). *Procurando Nemo*. Estados Unidos: Pixar Animation Studios.

Martins, I. M. & Matoso, M. (2011). *Para onde vamos quando desaparecemos?*. 1.ª ed. Carcavelos: Planeta Tangerina.

Mazorra, L. & Tinoco, V. (2018) *O dia em que o passarinho não cantou*. 2ª ed. São Paulo: Zagadonis.

Noronha, J. (2014) *A morte é para super heróis*. São Paulo: SM Editora.

Parr, T. (2017) *O livro do adeus*. São Paulo: Editora Panda Books.

Penzani, R. (2018) *A coisa brutamontes*. Pernambuco: Editora Cepe.

Rivera, J. (Produtor) & Docter, P. (Diretor). (2009). *Up - Altas Aventuras* [Filme]. Estados Unidos: Pixar Animation Studios.

Rocha, E. (2015) *Roupa de brincar*. São Paulo: Editora Pulo do Gato.

Sempresaprviver. (2019). *O dia em que o passarinho não cantou*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=yM1AE02sE20>.

# OS TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS NA PRÁTICA CLÍNICA

presencial e online

## coordenação

**BERNARDO RODRIGUES**  
**DENIS ZAMIGNANI**

## público-alvo

profissionais e estudantes das  
áreas da saúde

## dia e horário

aulas semanais,  
às terças-feiras das 19h às 22h

## carga horária

48 horas de duração  
(16 aulas - 3 horas por aula)

## período

de fevereiro a julho de 2021

## investimento

Matrícula + 4 parcelas de R\$ 459,00



centro

**paradigma**

ciências do comportamento

paradigmaac.org | Rua Wanderley, 611

Perdizes São Paulo/SP

Tel. 11 3672 0194 | CRP 06/5164-J

## local

Paradigma

<https://www.paradigmaac.org/formacao-transtornos-psiquiatricos>

# Análise do Comportamento Aplicada à cultura

## Superorganismos

Candido V. B. B. Pessoa

No livro *Esperando Foucault, Ainda* (2018, Ubu Editora), o antropólogo Marshall Sahlins discorre sobre uma boa quantidade de assuntos calorosos por terem histórias de categorizações incongruentes e nos lembra com bom humor da possibilidade de não haver solução para uma série de problemas. O livro é uma edição de notas colecionadas ao longo da vida do antropólogo sobre esses diversos assuntos, editadas como “entretenimento pós-prandial oferecido por Marshall Sahlins à IV Conferência Decenal da Associação de Antropólogos Sociais da Commonwealth, Oxford, em 29 de julho de 1993”. No livro, há notas eruditas e travessas – dado ser um livro de notas pessoais – sobre assuntos como a própria antropologia, relativismo, economia, política, orientalismo, terrorismo ou... Superorganismo<sup>1</sup>. Vou me alongar um pouco sobre esse último.

Na nota *O Retorno do Superorgânico*, Sahlins aponta a semelhança entre a teoria superorgânica da cultura, promovida por Leslie White e Alfred Luis Kroeber, e o pensamento foucaul-

tiano antropológico. Neste último, Sahlins equivale o papel do discurso ao de superorgânico. Ao fim da nota, o autor reflete sobre a possibilidade de maiores avanços se White e Kroeber “houvessem desenvolvido uma visão das pessoas como vítimas morais do superorgânico” (p. 84). Ele estava sugerindo descrições de contingências comportamentais entrelaçadas coercitivas, inclusive as verbais?

A nota *Baleias Brancas Mortas: da Leviatania à Subjetologia e vice-versa* inicia trazendo em Platão e Tucídides a *oposição*

Olho: “Direita e Esquerda se empurram a teses extremas do determinismo individual e do determinismo cultural”. [...] como a mesma questão se expressa na comunidade de analistas do comportamento?

entre indivíduo e sociedade. Continua apresentando como essa oposição adquire uma ênfase em questões morais a partir do cristianismo, até resolver-se de forma não muito satisfatória em um ser humano duplo, um Eu-intelectual e-moral durkheimiano. Sahlins aponta como “a mais moderna filosofia imperialista” tenta subsumir um lado do dualismo no outro,

sobrando ao final novamente apenas um dos entes indivíduo/sociedade como tendo qualquer existência independente. Aponta-se um caminho pelo qual o desenvolvimento do capitalismo e de seus descontentes confere a esse dualismo antropológico uma torção política em que “Direita e Esquerda se empurram a teses extremas do determinismo individual e do determinismo cultural. À direita a teoria da escolha racional e modalidades de individualismo radical desse gênero [...] À esquerda, os conceitos do superorgânico cultural [...]”. Mas, poderíamos refletir, aproveitando uma carona com Sahlin, se após destorcer o torcido politicamente, como a mesma questão se expressa na comunidade de analistas do comportamento?

Ainda em *Baleias Brancas Mortas: da Leviatanologia à Subjetologia e vice-versa*, Sahlins conclui apontando como certa ironia que, independente de qual lado da dualidade subsuma o outro, restará apenas um sujeito abstrato ou real como o único *locus* de agência ou eficácia. Entretanto... Em 1948, época em que White promovia a Teoria da Cultura Superorgânica, Skinner escreve um fim diferente para essa história. Ele fala não apenas em entender, mas também em *construir* o Superorganismo (Skinner, 1948/1977, p. 289, com maiúscula no original). Interessante?

(Em tempo, em 1948, Skinner se refere a Superorganismo mais como um ajuntamento de pessoas para um fim específico do que como fenômeno cultural emergente. Caberia a Glenn [2004, p. 139-140] usar uma variante da expressão superorganismo, o supraorganismo, como *locus* do fenômeno cultural: esse *locus* é então supraorganísmico por “envolver repetições de comportamento interrelacionado de dois ou mais organismos; [...] isso inicia um novo tipo de linhagem: uma linhagem cúlturo-comportamental [...] e o termo que subsumi uma

classe de comportamentos supraorganísmica é macrocomportamento”. Mas essa expressão desaparece em Glenn et al. [2016])

1 O superorganismo é um conceito usado com mais frequência para descrever uma unidade social – dos animais eucarióticos. Nas ciências sociais, foi usado por Herbert Spencer para indicar as propriedades emergentes que surgem na sociedade a partir das relações dos integrantes da sociedade (Phillips, 1976, p. 123).

#### REFERÊNCIAS

- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27, 33-51.
- Glenn, S. S., Malott, M. E., Andery, M. A. P. A., Benvenuti, M., Houmanfar, R. A., Sandaker, I., Todorov, J. C., Tourinho, E. Z., & Vasconcelos, L. A. (2016). Toward consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. *Behavior and Social Issues*, 25, 11-27. doi: 10.5210/bsi.v.25i0.6634
- Phillips, D. C. (1976). *Holistic Thought in Social Science*. Stanford University Press.
- Sahlins, M. (2018). *Esperando Foucault, Aínda*. Ubu Editora. (Publicado originalmente em 2002.).
- Skinner, B. F. (1977). *Walden II: uma sociedade do futuro*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (Publicado originalmente em 1948.).

**Candido Pessoa** é Administrador de Empresas formado pela FGV-SP, Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC/SP e Doutor em Ciências (Psicologia Experimental) pela USP. Atua no Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento como professor e orientador no Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada e como coordenador do Curso de Formação em Gestão Comportamental de Organizações. É professor de Gestão Comportamental de Pessoas no MBA de Economia Comportamental da ESPM. Coordena o grupo de pesquisa Comportamentos e Sistemas Organizacionais

# INTERVENÇÃO EM CASOS DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA E COMPORAMENTAL

curso presencial ou online\*

## coordenação

FERNANDA CALIXTO (CRP 06/137658)

## docentes

FERNANDA CALIXTO (CRP 06/137658)

RODRIGO NOIA MATTOS MONTAN (CRP 06/105648)

## período

de fevereiro a julho de 2021

## público alvo

pedagogos, psicólogos, psiquiatras, acompanhantes terapêuticos e demais áreas da educação e da saúde. Alunos de graduação de psicologia e demais áreas da educação e da saúde.

## dia e horário

quintas-feiras, das 18h às 22h

## carga horária

40 horas, distribuídas em 10 encontros de 4 horas cada

<https://www.paradigmaac.org/dependencia-quimica>

 centro  
**paradigma**  
ciências do comportamento  
paradigmaac.org | Rua Wanderley, 611  
Perdizes São Paulo/SP  
Tel. 11 3672 0194 | CRP 06/5164-J

## local

Rua Wanderley, 611, São Paulo, SP

\*a abertura de aulas presenciais está condicionada a avaliação da situação da pandemia

formação em

# TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO

On-line (em decorrência da situação de saúde pública que impõe isolamento social)

## professores

**WILLIAM F. PEREZ** (CRP 06/111627)

**ROBERTA KOVAC** (CRP 06/52287-7)

E professores convidados

## duração

de fevereiro a dezembro de 2021

## objetivo

O objetivo do curso é introduzir o modelo da ACT e os componentes da Teoria das Molduras Relacionais - RFT, buscando o entendimento dos fenômenos comportamentais abordados e o funcionamento e manejo da prática da terapia.

## público-alvo

Psicólogos, psiquiatras e estudantes destas áreas

## dia e horário

Quartas-feiras das 19h às 22h

## carga horária

90 horas

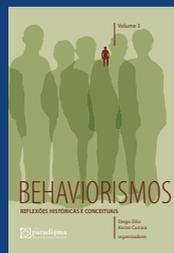
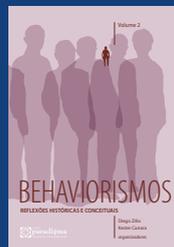
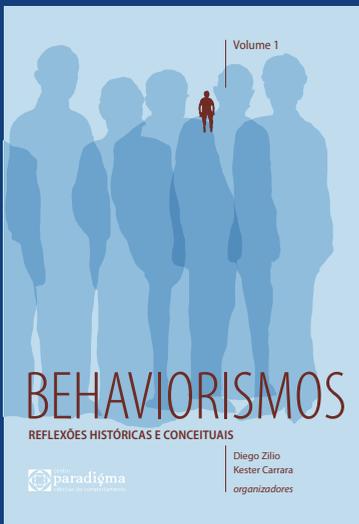
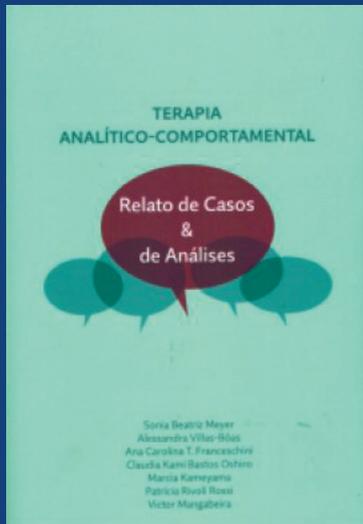
## datas

datas, cronograma e demais informações no site

mais informações em

<https://www.paradigmaac.org/formacao-act-completo>

# LIVRARIA VIRTUAL DA EDITORA PARADIGMA



## LANÇAMENTOS DE 2020



Somente títulos relacionados ao behaviorismo radical, à análise do comportamento e a áreas afins.

Acesse:

[www.paradigmaac.org](http://www.paradigmaac.org)

 centro  
**paradigma**  
ciências do comportamento



centro  
**paradigma**  
ciências do comportamento

